



UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

KLYLISSA CARLA RIBEIRO FREITAS

RESGATE À IDENTIDADE CAPILAR:
CABELO CRESPO DAS MULHERES SANTAMARENSES - BA

São Francisco do Conde

2017

KLYLISSA CARLA RIBEIRO FREITAS

**RESGATE À IDENTIDADE CAPILAR:
CABELO CRESPO DAS MULHERES SANTAMARENSES - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Caterina Alessandra Rea.

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

F936r

Freitas, Klylissa Carla Ribeiro.

Resgate à identidade capilar : cabelo crespo das mulheres santamarenses - BA /
Klylissa Carla Ribeiro Freitas. - 2017.

76 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea.

1. Negras - Santo Amaro, Bahia - Identidade étnica. 2. Penteados afro. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.898142

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

KLYLISSA CARLA RIBEIRO FREITAS

**RESGATE À IDENTIDADE CAPILAR:
CABELO CRESPO DAS MULHERES SANTAMARENSES - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 27/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Caterina Alessandra Rea – Orientadora

Doutora em Filosofia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Ludmylla Mendes Limas - Examinadora

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo - USP
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Lavínia Rodrigues de Jesus - Examinadora

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará - UFC
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Aos meus pais que são minha base e alicerce.

Ao meu povo negro.

Às minhas lindas neguinhas santamarenses.

AGRADECIMENTOS

Mesmo sendo clichê e até bem óbvio, não vou me abster a seguir outro caminho que não seja, primeiramente, agradecer a Deus. Agradecer pelo dom da minha vida, por me dar sabedoria e discernimento para escrever esta pesquisa e por me ajudar a chegar neste patamar, que é a realização de um dos meus maiores objetivos: minha primeira formação acadêmica e numa universidade federal que tem como premissa principal a valorização do meu povo, a gente negra. Quanta felicidade e gratidão cabem nesse pequeno coração. Muito obrigada, meu Deus.

Com grande importância, também, agradeço a minha família, em especial a meu pai Carlos Alberto e a minha mãe Claudete Ribeiro, por terem me orientado, desde pequenininha, a seguir o melhor caminho e me instigarem a sempre buscar o melhor para mim. Sou feliz em fazer parte desta família que constantemente me proporcionou as melhores alegrias da vida, não digo apenas em bens materiais, o que foi de grande valia, mas em me oferecer a melhor educação, que sempre foi regada com muito amor e carinho. Deus, quando me fez, colocou dois lindos anjos na minha vida para que eu pudesse, diariamente, sentir a magnitude do amor só por vocês existirem. Agradecimentos são pequenos comparados a tudo que fizeram e, até hoje, fazem por mim.

Aos meus amigos, amigas, colegas e parceiros da vida que sempre acreditaram em meu potencial e estiverem nos momentos mais difíceis comigo, mesmo que tivessem que me carregar para ir às festas para que eu pudesse esquecer meus problemas. Amo vocês. Gratidão.

As minhas lindas e exuberantes entrevistas que abrilhantaram ainda mais esta pesquisa. Se não fosse por vocês nada disso estaria concretizado, afinal, esta pesquisa trata sobre nós, mulheres guerreiras, empoderadas e, acima de tudo, LINDAS que abdicamos dos padrões estéticos a fim de mostrar o nosso verdadeiro EU, sem se preocupar com o que os outros afirmam ou mitifica. Obrigada por terem disponibilizado um tempinho das rotinas de vocês para me ajudar. Obrigada, também, serem quem são e servirem de inspiração para muitas outras mulheres.

Não poderia, em hipótese alguma, deixar de agradecer a minha família Ribeiro, que é meu alicerce e minha base e por sempre me incentivar a destrinchar meu potencial por esse mundo a fora. Gratidão, também, as minhas lindas colegas

de trabalho da Escola Mundo dos Sonhos que estiveram sempre me ajudando e apoiando nas decisões.

Agradeço imensamente, de todo o coração, a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Caterina Alessandra Rea pelas críticas construtivas que me impulsionaram ainda mais realizar uma pesquisa de qualidade e repleta de amor.

*Oh oh oh.oh Oh
Oh oh oh oh sound power
Oh oh oh oh sound power
Oh Oh Oh Oh*

Essa história começa mais ou menos assim:

*Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você (pra você).
Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você (pra você).*

*Somo crioulo doido e somo bem legal.
Temos cabelo duro é só no black power.
Somo crioulo doido e somo bem legal.
Temos cabelo duro é só no black power.*

*(Mundo Negro
O Rappa)*

RESUMO

Este trabalho é resultado da pesquisa monográfica de conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades da Unilab. Nesta pesquisa são apresentados resultados do levantamento bibliográfico e pesquisa de campo a respeito da aceitação do cabelo crespo das mulheres santamarenses-Ba, que é o símbolo de valorização identitária. Além disso, enfatiza acerca de todo processo socioidentitário que desencadeou na formação da sociedade brasileira e como esse modelo padrão eurocidental perdurou durante as gerações seguintes e, conseqüentemente, impôs uma construção social que desestabilizou socialmente o povo considerado como irrelevante, no caso, os negros. Assim, salienta como os negros abdicaram-se das ideologias padrões, em especial, com a ajuda dos preceitos dos movimentos sociais como o Black Power, Frente Negra, Ilê Aiyê e entre outros e, por conseguinte, revalorizaram a identidade negra. E almeja analisar quais problemas ocorreram na vida dessas mulheres com a adesão a esse tipo de cabelo. Há utilização de uma abordagem etnocêntrica, no qual se destacam a presente participação das lindas mulheres santamarenses-ba que abrilhantaram dignamente a pesquisa.

Palavras-chave: Etnocêntrica. Eurocidental. Movimentos sociais. Mulheres santamarenses. Revalorização.

ABSTRACT

This paper is the result of the monographic research of completion of the course of Bachelor of Humanities of Unilab. In this research are presented results of the bibliographical survey and field research regarding the acceptance of the curly hair of santamarenses women from bahia, which is the symbol of the valorization of identity. Moreover, it emphasizes all socio-ideological processes that triggered the formation of Brazilian society and how this Euro-standard pattern persisted during the following generations and, consequently, imposed a social construction that socially destabilized the people considered irrelevant, in this case, the black woman. Thus, it emphasizes how black women abdicated of the standard ideologies, especially, with the help of the precepts of the social movements like the Black Power, Black Front, Ilê Aiyê and among others and, consequently, they revalorized the black identity. And it aims to analyze what problems occurred in the life of these women with the adhesion to this type of hair. There is use of an ethnocentric approach, in which the present participation of the beautiful Santamarenses women who stand out worthily the research stand out.

Keywords: Ethnocentric. Eurocidental. Revaluation. Santamarenses women. Social movements.

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1- BC de redescoberta. Foto: KlylissaCarla
- Figura 2: Revalorização capilar. Foto: Klylissa Carla
- Figura 3: Caravana de escravos a caminho da costa.
- Figura 4: Panorama geral da Baía de todos os Santos. Fonte: Souza, Cristiane S.
- Figura 5: Festa do Bembé do Mercado. Foto: acervo da prefeitura local
- Figura 6: Foto antiga de Santo Amaro da Purificação. Foto: Bahia Tursa
- Figura 7: Nego fugido. Foto: Rosana Ribeiro
- Figura 8: Ferro de cabelo. Arquivo pessoal de Suzane Teixeira.
- Figura 9: Ouriçador. Foto: Sâmia Lopes.
- Figura 10: Praça da Purificação. Fonte: JF Paranaguá (2012)
- Figura 11: Transição capilar de Victoria Vida. Fonte: Arquivo pessoal de Victoria Vida
- Figura 12: Transição capilar de Angel Vanessa. Foto: Arquivo pessoal de Angel Vanessa.
- Figura 13: Tipologia capilar. Foto: Carol Souza
- Figura 14: Creme redutor de volume.. Foto: Ana Catarina*
- Figura 15: Creme ativador de cachos.. Foto: Ana Catarina*
- Figura 16: Creme para cabelo crespo. Site da Salon Line.

LISTA DE SIGLAS

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

BC - big chop (grande corte)

IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico Nacional

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	PROCESSO DA CONSTRUÇÃO SOCIOIDENTITÁRIA DO BRASIL	21
2.1	MÃO-DE-OBRA ESCRAVA (ÍNDIOS E AFRICANOS)	23
2.2	CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS AFRICANOS NA CULTURA BRASILEIRA	26
2.3	AS FACETAS DO EMBRANQUECIMENTO	31
2.4	PRECONCEITO CONTRA OS NEGROS BASEANDO-SE NA PERSPECTIVA DOS FENÓTIPOS	33
3	O RECÔNCAVO DA BAHIA COMO CELEIRO DO AGRUPAMENTO DE VÁRIOS POVOS	36
3.1	SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: A TRANSCENDÊNCIA HISTÓRICA	39
3.2	SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: A CULTURA COMO MECANISMO IMPORTANTE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	40
4	O CABELO CRESPO COMO OBJETO DE ESTUDO	46
4.1	DEPENDÊNCIA QUÍMICA	46
4.2	DESVINCULAÇÃO DA ALIENAÇÃO CAPILAR	49
4.3	OS MOVIMENTOS SOCIAIS ATRELADOS AO EMPODERAMENTO CRESPO, NUMA PERSPECTIVA FEMINISTA	53
4.4	ACEITAÇÃO DO CABELO CRESPO DAS MULHERES SANTAMARENSES	56
4.5	O PONTO DE VISTA DA SOCIEDADE MEDIANTE A ACEITAÇÃO CAPILAR	62
4.6	CLASSIFICAÇÕES CAPILARES	63
4.7	A ADAPTAÇÃO DAS EMPRESAS DE COSMÉTICOS NA FABRICAÇÃO DE PRODUTOS PARA ESSE TIPO DE CABELO	66
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXO I - Roteiro de entrevista	75
	ANEXO II - Autorização das fotos	76

1 INTRODUÇÃO

“O primeiro passo para a mudança é a aceitação. Uma vez que você aceite a si mesmo, você abre a porta para a mudança. Isso é tudo o que você tem que fazer. Mudança não é algo que você faz, é algo que você permite.”

Wiil Garcia

Antes de tudo, é meu dever ressaltar que é com imenso prazer e felicidade que escrevo esta pesquisa, não apenas por se tratar de um documento obrigatório para realizar minha graduação em bacharelado em humanidades, e sim, por evidenciar todo o processo de descoberta identitária do meu próprio Eu, assim como, servir de inspiração para aqueles¹ que estiverem lendo e se identificarem.

Esta pesquisa, apresentada como trabalho de conclusão de curso da graduação em Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, tem por objetivo maior valorizar a aceitação do cabelo crespo das mulheres santamarenses, Bahia.

O presente estudo teve como objetivos salientar o processo de redescoberta capilar das mulheres santamarenses e como isto refletiu nas vivências pessoais e a sua influência com o meio social, assim como, evidenciar acerca da aceitação do cabelo crespo e as dificuldades em aderir a esta estética numa sociedade a qual segue o modelo eurocidental²; valorizar a decisão das pessoas em assumir o cabelo crespo; indicar acerca do posicionamento dos donos de cosméticos na fabricação de produtos capilares para esse tipo de cabelo; exaltar a importância do feminismo negro na redescoberta capilar; informar sobre as distintas classificações para os cabelos (1abc, 2abc, 3abc) e, por fim, desmistificar alguns conceitos que foram implantados na sociedade como únicos e corretos.

A cidade de Santo Amaro da Purificação- Bahia possui uma população de 57.811 habitantes, (IBGE, 2010), sendo que a maioria desses cidadãos é composta

¹ “Essas evocações performativas tratam-se de fragmentos linguísticos que estão historicamente carregados do poder de investir um corpo como masculino ou feminino.” (SENKEVICS, Adriano.2011)

² “A crença generalizada de que o modelo de desenvolvimento europeu-ocidental seja uma fatalidade (desejável) para todas as sociedades e nações.” (SAMIR, AMIN.)

por negros. Sendo assim, hoje, nota-se um grande número de pessoas, especialmente mulheres, que estão aderindo ao cabelo crespo ou o cacheado. No entanto, apesar da enorme quantidade de negros no município, ainda há o pensamento preconceituoso dxs santamarenses. Desta forma, são bastante perceptíveis as atitudes discriminatórias quando se trata da desvinculação das imposições implantadas pelo modelo eurocidental, no qual para ser aceito nesta sociedade, a pessoa deve ter pele clara ou ser branca; cabelos lisos e possuir traços finos. Entretanto, mesmo com todas essas práticas preconceituosas, muitas pessoas estão se libertando do padrão estético de beleza e assumindo sua verdadeira identidade capilar.

Desde os tempos mais antigos, devido ao modelo eurocêntrico, muitas pessoas utilizavam diversos produtos para suavizar o aspecto da raiz crespa, ocasionando assim, num alisamento da raiz, o qual associava os negros com aspectos físicos dos brancos, no ponto de vista do cabelo “escorrido”.

As chapas aquecedoras utilizadas atualmente possuem um aquecimento elétrico, revestimentos interno variados, como a cerâmica por exemplo, e ainda podem contar com outros benefícios como a distribuição de ânions e ozônio por orifícios laterais durante o procedimento do alisamento temporário. (FRANÇA, 2014, p.49)

Assim como cita (PROCTOR, 1922) apud (FRANÇA, 2014, p.48)

Diversos equipamentos foram patenteados com o intuito de promover alisamento capilar, como uma escova metálica pré aquecida que tinha como objetivo diminuir frizz e indicada para cabelos crespos e cacheados.

É perceptível que atualmente ainda existe o preconceito e discriminação acerca da adesão ao cabelo crespo. Contudo, apesar de todas as barreiras, muitas pessoas estão distanciando-se dos princípios impostos na sociedade e, por conseguinte, aceitando a verdadeira identidade capilar, ou seja, o cabelo crespo ou cacheado.

Seguindo nesta linearidade, muitos aspectos sociais me instigavam e aumentavam meus questionamentos, então, perguntava-me: “Por que o cabelo crespo é considerado como “ruim” para a sociedade?”. Assim, devido ao desconhecimento e preconceito por parte de muitas pessoas, decidi pesquisar sobre um tema no qual há grande debate e rejeição sobre tal, uma vez que a sociedade contemporânea, devido a fatores históricos, como o caso do modelo eurocidental, está habituada a seguir esse padrão de beleza, em que deve-se apenas aderir aos traços finos, cabelo liso e pele clara para ser consideradx como bonitx.

Desta maneira, quero exaltar, evidenciar e valorizar, através desta pesquisa, a liberdade capilar que muitas mulheres estão aderindo. Em virtude destas transformações sociais, indago novamente sobre algumas questões: “Qual a importância da aceitação do cabelo crespo para essas mulheres?”, “Quais mudanças ocorreram na vida delas com a aceitação do cabelo crespo?” e, por fim, “Qual o ponto de vista da sociedade perante a libertação dos padrões estéticos e, conseqüentemente, a aceitação do cabelo crespo dessas mulheres?”

Por ora, através desta pesquisa, convido você a adentrar no meu mundo de redescoberta e aceitação capilar e caso esteja passando pelo processo de transição capilar OU ³BC (big chop) ⁴ tenho certeza que irá se identificar com os relatos das pessoas entrevistadas. Aquelxs que não habituadx com estes termos capilares aprenderão um pouco sobre como funciona cada processo e garanto que ficará agradecidx com a agregação de novos conhecimentos.

Vamos ao finalmente saber um pouco da sequência de aceitação identitária, especialmente, capilar de Klylissa Carla. Adianto, desde já, que a história é grande, interessante e muito emocionante.

Meu processo de reconhecimento foi árduo, melhor dizendo, bastante demorado, mas, de certo modo, há motivos cabíveis para tal, visto que vivemos numa sociedade a qual a ideologia que impera é a eurocidental, isto é, apenas esse padrão estético é considerado como sinônimo de beleza em que as pessoas que possuem traços físicos finos, as quais se assemelham com os europeus, são aceitas como belas.

Assim, sempre fui retraída em relação a minha beleza, uma vez que meu nariz é grande, tenho a pele escura, lábios grossos e meu cabelo é crespo, ou seja, possuo totalmente traços físicos opostos ao que é visto na sociedade como definição para ser bela. Desta maneira, sempre me vi como uma pessoa feia e não me aceitava por ter nariz grande (isto me incomodava tanto que em muitas ocasiões chorava ao me comparar com minhas colegas de sala de aula, as quais possuíam todas as características que as consideravas como bonitas).

³ “Este processo é chamado de transição capilar, que é o período em que a mulher deixa seu cabelo natural crescer da raiz até que atinja um comprimento ideal para o chamado big chop (ou BC).”

⁴ “O grande corte que tira todas as pontas lisas.”

A não aceitação da minha aparência se evidenciou ainda mais no momento em que fui estudar em outra escola, a qual permaneci da 5ª série (Ensino Fundamental I) até o 3º ano (Ensino Médio). Confesso que passei por situações difíceis. Minha única forma de proteção, melhor dizendo, recolhimento do preconceito que sofria foi focar ainda mais nos estudos, pois assim permanecia atarefada para não lembrar as palavras absurdas que ouvia.

Devido ao fato de não suportar mais ser taxada como “preta do cabelo duro”, resolvi tentar me encaixar no padrão estético, assim, utilizei química de transformação para alisar meu cabelo e coloquei mega hair ⁵liso, como também modifiquei minhas vestimentas e passei a usar roupas mais estilosas.

O ápice da minha transformação que, por conseguinte, se refletiu na minha auto-aceitação identitária ocorreu quando eu não estava mais agüentando, de forma nenhuma, usar mais o alongamento, pois doía muito minha cabeça. Logo, eu decidi tirar o alongamento e acessei na internet maneiras para deixar o cabelo cacheado. Desta forma, me deparei com diversos tipos de cabelos: do cacheado ao crespo. Aquilo chamou tanto minha atenção que, imediatamente, abandonei o alisamento capilar e passei a cachear o cabelo, porém, ainda usava o alongamento.

Comentando com minhas colegas da faculdade, da UNILAB, sobre a vontade de cachear o cabelo, minha colega Fernanda Souza me indicou o óleo de rícino, pois ela havia usado no cabelo e ajudou muito no crescimento. Assim que ela me explicou sobre como utilizava o óleo, o qual é colocado no couro cabeludo e depois faz massagens circulares para ativar a circulação que ocasiona no crescimento do cabelo; no dia seguinte comprei o produto e passei a utilizar.

Enfim, com três meses de cabelo natural, deixei de usar o alongamento e no mês de novembro de 2014 fiz o BC. Foi neste momento que me redescobrir, percebi que sou bela com os traços físicos e naturais que possuo e assim como canta Seu Jorge “A beleza está nos olhos de quem vê.”

⁵ “Mega hair é, no Brasil, um termo em inglês utilizado para se referir a alongamento de cabelo (também, alongamento capilar) ou extensão de cabelo (também, extensão capilar).”

Figura 1- BC de redescoberta.



Arquivo pessoal de Klylissa Carla

29 de novembro de 2014

Figura 2: Revalorização capilar



Arquivo pessoal de Klylissa Carla

17 de junho de 2017

Esta pesquisa adota o método quantitativo-qualitativo de pesquisa, que consiste em coletar dados por amostragem, das mulheres santamarenses as quais estão assumindo a verdadeira raiz do cabelo.

Para obtenção de dados da pesquisa apliquei um questionário com 20 perguntas o qual possui entrevista estruturada e semi-estruturada para análise de dados, afim de obtenção de resultados precisos; pesquisa de campo; fotos e fontes bibliográficas.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de outubro de 2016 a janeiro de 2017 e foi feita com 13 mulheres da cidade de Santo Amaro da

Purificação, em especial, às minhas amigas, conhecidas, primas e tias. Acredito que tenha surgido uma dúvida por parte do leitor: “Por que será que apenas essas mulheres foram escolhidas?”

Pois bem, explicarei melhor. A faixa etária das minhas entrevistadas varia de 13 a 49 anos, portanto, trata-se de pessoas majoritariamente jovem, ou seja, são mulheres que estão vivenciando as transformações sociais, seja no âmbito profissional ou pessoal, e há uma percepção que a mulher está ganhando força e visibilidade na sociedade, assim sendo, é uma época a qual a liberdade pessoal está se aflorando e muita gente está notando uma chance de abdicar-se de padrões e vivenciar o que deseja ser e fazer. Por conta disso e por estarem mais próximas a mim, preferi entrevistar estas mulheres. E fiquei muito feliz em saber que até as mais jovens decidiram assumir a sua naturalidade e estão tendo apoio da família, fator que ajuda muito na elevação da auto-estima dessas pessoas.

Um fato principal que também não deve ser esquecido é que conheci algumas das entrevistas num evento intitulado “Encontro de crespas e Cacheadas de Santinho”, no dia 30 de novembro de 2015, realizado no Teatro Dona Canô, em Santo Amaro da Purificação. O evento é magnífico e muito útil, visto que valoriza a sexualidade da mulher, assim como, evidencia todo o perpasso histórico ao qual a mulher sofreu até ser valorizada como tal, através da sua importância ativa na sociedade e como a estética é extremamente importante para a redescoberta pessoal de cada mulher. Infelizmente, no ano de 2016, não houve o evento, pois era feito anualmente, contudo, as organizadoras do evento realizaram palestras sobre a temática capilar nas escolas públicas de Santo Amaro.

Para apresentar melhor o resultado dessa pesquisa, organizei a estrutura do estudo em três (3) capítulos. O capítulo I, na sua totalidade, é histórico e etnográfico⁶, visto que ressalto todo o perpasso construtivo do Brasil, desde a presença dos índios neste local, muito antes da chegada dos portugueses, até a contribuição cultural dos povos estrangeiros ao país.

6 “Etnografia é o estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos etc., como também das manifestações materiais de suas atividades. É a ciência das etnias.”

O capítulo II trata-se sobre como a influência desses povos acarretou na construção social dos santamarenses e como isso ocasionou na propagação do preconceito e discriminação perante os negros, especialmente, nas pessoas que possuem o cabelo crespo.

Para finalizar, o capítulo III retrata, de forma clara, sobre a temática da pesquisa, assim, exemplifica o sofrimento das mulheres que têm o cabelo crespo e, sobretudo, o motivo pelo qual decidiram aceitar a verdadeira identidade capilar. Desta maneira, evidencio a importância dos movimentos sociais como o feminismo na elevação da auto-estima da mulher. Assim como, as mudanças que ocorreram com a fabricação de produtos capilares para esse tipo de cabelo.

Nesse trabalho, a fotografia é imprescindível visto que evidencia, através de imagens, o processo de transição capilar passado pelas entrevistadas e é notório, durante o trabalho poderá ser visualizado, a alegria estampada na face dessas mulheres. Saliento que, de forma alguma, é meu intuito indagar que anteriormente a aceitação capilar essas mulheres não eram felizes, jamais, e sim, mostrar que após toda a sequência de transição e transformação capilar e, apesar de todos os preconceitos sofridos, essas mulheres permanecem alegres e, acima de tudo, se amando cada dia mais.

É com imenso prazer e felicidade, que convido você a desfrutar da minha pesquisa. Garanto que será de grande importância para aquisição de conhecimento. Sinta-se à vontade.

2 PROCESSO DA CONSTRUÇÃO SOCIOIDENTITÁRIA DO BRASIL

Seria incorreto de minha parte, abordar sobre a temática da redescoberta do cabelo crespo das mulheres santamarenses sem antes tratar acerca de toda a trajetória que desencadeou na construção social a qual define que o cabelo crespo é “ruim” e inaceitável para ser usado na sociedade.

Desta maneira, saliento que a vinda dos povos estrangeiros ao Brasil acarretou, em grande escala, na formação socioidentitária dos brasileiros. Os povos europeus (holandeses, portugueses e espanhóis), africanos e asiáticos influenciaram na construção social do Brasil, visto que dinamizaram no país a identidade local dos mesmos: cultura, costumes vestimentas, danças e entre outras. Assim, os habitantes do Brasil, até os dias atuais, têm na identidade a presença das tradições locais desses povos.

"A identidade do indivíduo está entrelaçada às identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada." (HABERMAS, 1994, p.73)

À vista disso, é pertinente ressaltar que um dos principais formadores do processo socioidentitário do Brasil são os portugueses. Diversas pesquisas comprovaram e comprovam, até hoje, vestígios da chegada dos portugueses ao país que, no período do século XVI, ainda não possuía nomenclatura. O nome logo surgiu a partir das primeiras extrações de pau-brasil das florestas.

Os navegantes começaram a denominar o território de Brasil por causa dessa árvore que durante as três primeiras décadas foi o principal motivo de viagens dos portugueses à região encontrada por Cabral. Portanto, o nome fixou-se no imaginário dos viajantes e dos colonizadores e prevaleceu sobre as outras nomenclaturas. (SANTOS, Fabrício Barroso dos. 2017)⁷

Assim, ao adentrar neste local, é notório salientar que o ambiente já estava preenchido por algumas pessoas, as quais foram denominadas como índios.

Nesse momento, foi atribuído, pelos europeus, uma nova identidade aos grupos humanos ali existentes, generalizando-os como índios. Essa classificação homogeneizante estabeleceu uma nova identidade a partir do

⁷ Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/origem-nome-brasil.htm>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

qual os índios, ali em diante assim chamados, passaram a ser representados na interação com o colonizador europeu. (BRAGA, André Márcio, 2005, p.200)

Com tal característica, o objetivo dos portugueses ao penetrar no solo brasileiro era ocupar as terras e, conseqüentemente, lucrar financeiramente através das escavações da matéria-prima: pau-brasil, especiarias, cana-de-açúcar e entre outros.

A primeira forma de ocupação do território brasileiro foi por meio das capitâneas hereditárias, sistema instituído no Brasil, em 1536, pelo rei de Portugal, Dom João III. Foram criadas 14 capitâneas, divididas em 15 lotes e distribuídas a 12 donatários, que eram representantes da nobreza portuguesa. Em troca, esses donatários eram obrigados a pagar tributos à Coroa. Portanto, desde o início da ocupação do Brasil por Portugal, o território brasileiro foi propriedade do Estado. (SOBRINHO, Eduardo Elias de Oliveira, [201-?])⁸

Sendo assim, este capítulo exemplifica e evidencia todo o perpasso histórico, especialmente o socioidentitário, que é o foco principal, acontecido no Brasil, desde a presença dos índios, anterior ao ano de 1500, “diversos povos indígenas habitavam o Brasil muito tempo antes da chegada dos portugueses em 1500. Cada povo possuía sua própria cultura, religião e costumes.” (Gomes, Mercio Pereira, [201-?]); ⁹até a existência de distintos povos que contribuíram com os aspectos culturais de cada região e, por conseguinte, alargou até os dias na realidade social dos brasileiros, principalmente, no quesito estético capilar.

⁸Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/ocupacao-do-territorio-brasileiro>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

⁹ Disponível em: <<http://www.historiadobrasil.net/indiosdobrasil/>>. Acesso em: 07 de junho de 2016.

2.1 MÃO-DE-OBRA ESCRAVA (ÍNDIOS E AFRICANOS)

De tal maneira, para suprir as necessidades agrícolas impostas pelos portugueses “bandeirantes, jesuítas, índios, negros e pessoas vindas de todas as partes ajudaram alargar as fronteiras e ocupar o território brasileiro.” (TOALDO, Ciro J. [201-?])¹⁰

Devido a esta ocupação, em grande escala, os europeus notaram que as terras brasileiras possuíam solos bastante férteis os quais garantiriam lucro, demasiadamente, com a exportação para a Europa através da colheita dos produtos agrícolas, contudo, era preciso de pessoas aptas a executar esses trabalhos. Sendo assim, os índios, os primeiros habitantes que os portugueses encontraram no local, além de servirem como guias nas florestas, foram obrigados a executar o trabalho agrícola.

Desta forma, “Os portugueses começaram a usar a mão-de-obra indígena na exploração do pau-brasil. Em troca, ofereciam objetos de pequeno valor que fascinavam os nativos como, por exemplo, espelhos, apitos, chocalhos, etc.” (FAFE, José Fernande, 2008)

Em virtude do grande desenvolvimento do comércio no setor agrícola, a quantidade dos índios escravizados comparada à demanda por mercadoria não atendia ao fornecimento de produtos no tempo estabelecido, especialmente, pelo fato de realizar rebeliões contra os europeus, pois não queriam ser escravizados; e isto atrapalhava no andamento do trabalho.

“Por sua vez, os índios também reagem à escravização seja enfrentando os colonizadores através da guerra, seja fugindo para lugares longínquos no interior da selva onde era quase impossível capturá-los.” (CAROSO, CARLOS; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 7)

A historiadora Rosa Aparecida Pelógia(2013, p. 5) afirma que:

Os povos que foram escravizados e trazidos em grandes contingentes para o Brasil, aqui se tornaram africanos, ganhando junto outras identificações, como: negro, escravo, produzindo uma fusão de significados considerados de inferioridade, gerando preconceito, discriminação.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-ocupacao-do-territorio-brasileiro/88333/>>. Acesso em 14 de outubro de 2016.

Figura 3 – Caravana de escravos a caminho da costa.



Fonte: <http://faceovento.files.wordpress.com/2009/11/caravana-de-escravos-a-caminhoda-costa.jpg>

Assim, “posteriormente foi utilizada a mão de obra escrava africana, o tráfico negreiro neste período se tornou um atrativo empreendimento juntamente com os engenhos de açúcar.” (CARVALHO, Leandro [201-?])¹¹

Muitas pessoas, de diversas regiões da África, foram retiradas, forçadamente das suas casas pelos colonizadores com o intuito de serem subordinadas à colônia portuguesa. Devido ao fato de haver uma maior quantidade de africanos e por possuírem grande força braçal, os portugueses perceberam que esses povos conseguiriam executar o trabalho com maior rapidez, conseqüentemente, o lucro seria obtido em maior escala.

Até hoje, ainda não há uma definição exata acerca de quantos africanos vieram ao Brasil para serem escravizados. De acordo com Leandro Carvalho ([201-

¹¹ Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

?]), “O contingente de africanos que foram trazidos forçadamente para a América como escravos não é preciso, mas situa-se entre dez e onze milhões de africanos escravizados.”¹²

Em contrapartida, Boris Fausto(2001, p.45) retruca que “estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria de jovens do sexo masculino.”

No poema Navio Negreiro (1869), o autor baiano Castro Alves relata brilhantemente sobre o percurso ao qual foi feito com o tráfico de africanos escravizados ao Brasil, no V estrofe:

“Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...”

Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...
 Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."

¹² Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

Apesar de a colonização ter sido opressora, os negros africanos não aceitaram gentilmente essas imposições dos portugueses, desta forma:

Houve fugas individuais e em massa e a desobediência ou resistência se evidencia no uso das punições e castigos corporais muitas vezes cruéis, que vinha a se somar com os maus tratos naturalmente dispensados a seres que eram poucos superiores aos animais.

(CARVALHO, Leandro [201-?])¹³

Mesmo com toda a resistência dos africanos, os colonizadores continuaram com a realização o trabalho de produção agrícola. Com tal característica, “o processo evolui com a introdução da cana-de-açúcar, chegam os negros e os índios, sendo que os que são incapazes de ajustar-se ao trabalho do engenho são rapidamente sacrificados.” (HOLANDA, Sérgio B. de Monções, 1990, p.15)

Por conseguinte, alguns centros urbanos detinham os melhores solos, portanto, produziam mais e importavam para outras regiões. A Bahia era o estado que mais produzia mercadorias, assim, o recôncavo baiano possuía a maior quantidade de escravizados, visto que a terra fértil facilitava na plantação, especialmente, o município de Santo Amaro ao qual havia muitos africanos de distintos grupos étnicos.

Os grandes centros importadores de escravos foram Salvador e depois o Rio de Janeiro. Cada um deles tinha sua organização própria e os dois concorriam entre si. O fumo produzido no Recôncavo baiano era uma valiosa moeda de troca. (CARVALHO, Leandro [201-?])¹⁴

2.2 CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS AFRICANOS NA CULTURA BRASILEIRA

Se definirmos “cultura” como um corpo de crenças e valores socialmente adquiridos e padronizados, que servem de guias de e para a conduta num grupo organizado (numa “sociedade”), o termo não poderá ser aplicado, sem uma certa distorção, aos múltiplos donos das massas de indivíduos escravizados, separados de seus respectivos contextos políticos e nacionais, que eram transportados em carregamos mais ou menos heterogêneos para o Novo Mundo. (MINTZ, Sidney W; PRICE, Richard. p 26, 2003)

¹³ Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

¹⁴ Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

Mediante a necessidade por mão-de-obra escrava a fim de plantar cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas, os negros africanos foram traficados para o Brasil. Com tal característica, distintas e diversas etnias africanas vieram ao país, assim, houve uma enorme disseminação de cultura local desses povos.

Nina Rodrigues identificou entre os negros do Brasil que ele conheceu ainda no tempo da escravidão os chamados pretos de raça branca ou fulas. Não só fula-fulos ou fulas puros, mas mestiços provenientes da senegâmbia, guiné portuguesa e costa adjacentes. (BENICIO, Albertino de Carvalho, 2011, p. 12)

Assim como sinaliza Albertino de Carvalho Benicio (2011, p.13):

Dos negros importado para o Brasil podem se incluir os bantos- sem contar exceções, consideradas apenas as grandes massas étnicas- entre os mais caracteristicamente negros; pelo que não significamos a cor, convenção quase que sem importância, e sim traços de caracterização étnica mais profunda: o cabelo em primeiro lugar.

Entretanto, ao estudarmos sobre a vinda dos colonizadores portugueses ao Brasil, a principal temática a qual é abordada nas escolas é sobre o processo de civilização europeia, ou seja, a tentativa de exclusão da identidade dos índios e africanos com o objetivo de impor e padronizar uma nova cultura, isto é, a eurocidental, que se baseia na religião católica; na dinamização da língua portuguesa e da estética capilar e corporal.

Os próprios escravos eram de etnias diferentes, falavam idiomas diferentes e tinham tradições distintas. Assim como a indígena, a cultura africana fora subjugada pelos colonizadores, sendo os escravos batizados antes de chegarem ao Brasil. Na colônia aprendiam o português e eram batizados com nomes portugueses e obrigados converter-se ao catolicismo. ¹⁵(PLANETA VIDA, [201-?])

Albertino de Carvalho Benicio (2011, p.15) enfatiza que:

As primeiras associações urbanas de negro são de tipo religioso: imitam as confrarias religiosas importadas de Portugal e criadas no Brasil desde o começo da colonização para confiar aos leigos as tarefas da propagação da fé. No século XIX quando as associações civis tomam o lugar das religiosas, as distinções étnicas, perdem praticamente toda sua importância. A estrutura hierárquica dessas confrarias urbanas é muito simples, idêntica das confrarias brancas.

¹⁵ Disponível em: <<http://vida.planetavida.org/paises/brasil-3/brasil-o-pais/historia-e-cultura-do-brasil/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

Por possuírem culturas totalmente distintas a dos colonizadores, os africanos eram classificados como pessoas incivilizadas, ou seja, desprovidas de cultura, história, identidade e inteligência. Portanto, eram tratados como animais e mercadorias. Para os colonizadores, os africanos serviam apenas para o trabalho braçal.

Sabemos que este não era visto como gente e por não ser gente não existia, como tal não tinha identidade nem história para o homem um branco só existia uma história a sua como colonizador, mas a o negro nem mesmo tinha alma muito menos mérito de alguma coisa. (BENICIO, Albertino de Carvalho, 2011, p.4)

Em contrapartida, apesar de toda investida em eliminar a identidade dos africanos, por parte dos portugueses, esses escravizados foram personagens principais na formação da cultura brasileira, posto que propagaram no país a cultura local de cada grupo étnico.

A cultura africana chegou através dos povos escravizados trazidos para o Brasil num longo período que durou de 1550 a 1850. A diversidade cultural de África contribuiu para uma maior heterogeneidade do povo brasileiro. Os próprios escravos eram de etnias diferentes, falavam idiomas diferentes e tinham tradições distintas. (PLANETA VIDA, [201-?])¹⁶

“Alguns grupos, como os escravos das etnias hauçá e nagô, de religião islâmica, já traziam uma herança cultural e sabiam escrever em árabe e outros, como os bantos, eram monoteístas.” (BENICIO, Albertino de Carvalho, 2011, p.4)

Saliento que somos o que somos, graças a essa miscigenação dos povos, visto que se houvesse apenas a cultura europeia nossa identidade seria singular, em outras palavras, existiria só uma. Contudo, devido à presença dos africanos e indígenas, fomos beneficiados com uma multiculturalidade.¹⁷

Dessa maneira, (NUNES, Sylvia S, 2010, p.51) explicita que:

Se os estudos históricos mostram, no entanto, que todos somos mestiços e que a “pureza racial” não existe, há um grupo de pessoas que, pelo fenótipo, seja pela mistura de traços fisionômicos ou tipos de cabelo e cor de pele, podem ser chamados de mestiços, pela evidente ascendência de diferentes grupos humanos, como brancos, negros, índios, orientais, etc.

¹⁶ Disponível em: <<http://vida.planetavida.org/paises/brasil-3/brasil-o-pais/historia-e-cultura-do-brasil/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

¹⁷ “O **multiculturalismo** é a convivência pacífica de várias culturas em um mesmo ambiente. É um fenômeno social diretamente relacionado com a globalização e as sociedades pós-modernas.”

Correlacionando com a citação da autora acima, Albertino de Carvalho Benicio (201, p.10) destaca que:

Dizemos que este povo tão discriminado com o fim da escravidão contribuiu para a explosão populacional no país, tornando-o um país miscigenado onde já não se percebe mais os descendentes de colonizadores assim dando uma cor marrom as gerações. As bases econômicas, sociais, e culturais do nosso país "sangue negro".

Diversas foram às contribuições identitárias dos africanos ao país, como na literatura, música, dança, vestimentas, estética, artes plásticas, política e religião.

Alguns grupos, como os escravos das etnias hauçá e nagô, de religião islâmica, já traziam uma herança cultural e sabiam escrever em árabe e outros, como os bantos, eram monoteístas. Através do sincretismo religioso, os escravos adoravam os seus orixás através de santos Católicos, dando origem às religiões afro-brasileiras como o Candomblé. (PLANETA VIDA, [201-?])¹⁸

Há a presença das músicas africanas nos festejos juninos brasileiro, no qual o maracatu que um tipo de dança e música junina carrega elementos da cultura africana, a qual utiliza instrumentos africanos como tambores, agogôs e etc.

Desta forma, posto uma análise para questão: “Como os negros africanos influenciaram na caracterização do samba no Brasil?” Pois bem, com o advento dos africanos ao Brasil, durante o período escravocrata, os negros realizavam diversas danças nas senzalas, sendo uma delas, o samba. Assim, o samba carrega singularidades da presença africana que caracterizam esta dança como única e universal, uma vez que é democrática e está acessível a todos os povos e classes.

Alguns senhores permitiam que os negros dançassem e cantassem aos sábados, domingos ou dias de festas. Já nas cidades, os batuques e cangerês eram proibidos. Temia-se que os agrupamentos de escravos degenerassem em movimentos subversivos. As únicas festas autorizadas eram as de cunho cristão: a de nossa senhora do rosário, padroeira dos pretos, as congadas e outras do mesmo gênero (COSTA, 2007, p.299).

“Essa influência faz-se notar em praticamente todo o País, embora em certas zonas (nomeadamente nos estados do Nordeste como Bahia e Maranhão) a cultura afro-brasileira seja mais presente.” (PLANETA VIDA, [201-?])¹⁹

¹⁸ Disponível em: <<http://vida.planetavida.org/paises/brasil-3/brasil-o-pais/historia-e-cultura-do-brasil/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

¹⁹ Disponível em: <<http://vida.planetavida.org/paises/brasil-3/brasil-o-pais/historia-e-cultura-do-brasil/>>. Acesso em 10 de junho de 2016.

De natureza igual, na literatura afro-brasileira existe o agrupamento de diversos fatores, quer dizer, a justaposição de elementos presentes na música, dança, religião, vestimentas, língua e entre outros.

Os senhores protegem a sobrevivência do folclore negro, porém nunca autorizam abertamente a práticas dos verdadeiros cultos religiosos que lhe pareçam irreconciliáveis com o cristianismo. O folclore assim protegido pode perder rapidamente sua espontaneidade e tornar-se artificial quando se desenvolve com o apoio de todas as autoridades, religiosas e civis gerando uma confraria religiosa do tipo cristão sob a proteção da padroeira, nossa senhora do rosário. Essas confrarias imitadas no modelo português tinham antes sido introduzidas no congo, com relativo sucesso pelos missionários lusos durante a evangelização daquele reino. (BENICIO, Albertino de Carvalho, 2011, p.14)

Mesmo com toda essa miscigenação racial realizada entre a justaposição dos povos africanos, indígenas, portugueses e entre outros, e que é nítido no cotidiano social brasileiro, infelizmente, ainda há opressão em tratar sobre esse questionamento que, de certo modo, torna-se uma problemática.

Vivemos em um país que, embora tenha tido o quesito “raça” incluído no primeiro censo, de 1872, e no de 1890, o omitiu em 1900 e 1920 (não houve censo em 1910 e 1930), só reaparecendo no de 1940. Ou seja, entre 1890 e 1940, a principal coleta de dados brasileira ignorou as categorias raciais, mesmo sendo o território que mais recebeu escravos africanos, por exemplo. (DINIZ, Paola Prandini, 2013, p. 79)

De modo igual, Paola Prandini Diniz (2013, p.82) reforça que

A formação da identidade negra da população brasileira tem exigido a adoção de políticas multiculturais ou multirraciais que ultrapassam o reconhecimento pelo estado da divisão da sociedade em classes, mas que tem como base, justamente, a ideia de que o povo brasileiro é negro, como um todo, por ser maioria estática, e por termos contribuições africanas no berço de sua ancestralidade.

Desta maneira, finalizo o tópico destacando que “cultura é uma lente através da qual o homem vê o mundo.” (BENEDICT, Ruth, 1972, p.70), isto é, cada pessoa possui o próprio ponto de vista para caracterizar e definir a cultura, afinal, o ser humano tem personalidades e opiniões distintas, contudo, deve-se valorizar e, acima de tudo, respeitar as particularidades de cada cultura e a contribuição dos africanos nessa composição.

Para tornar-se negro, é preciso, outrossim, partir das experiências vividas pelos ascendentes africanos e valorizar as manifestações negras que têm na África sua origem e/ou que são prática, a partir de um cunho ideológico posto por negros contemporâneos. (DINIZ, Paola Prandini, 2003, p. 83)

2.3 AS FACETAS DO EMBRANQUECIMENTO

*As mãos brancas tiram-me a própria essência e existência de ser quem sou.
A suposta repressão que não aparece, mata.
A suposta repressão que não é nada marginaliza.*
(Cilas Machado)

Devido a toda colonização forçada e ao processo de civilização dos povos indígenas e africanas, realizado pelos portugueses, o principal objetivo dos mesmos era impor um modelo padrão de comportamento e identidade para os subordinados, denominado como padrão eurocidental, isto é, os escravizados deveriam seguir as ideologias europeias as quais se baseavam em diversos fatores, como: características físicas; vestimentas; língua e linguagem e estética. “Existiria um processo de embranquecimento, ou seja, a tentativa de imitar o branco no modo de se vestir, de se comportar, no modo de usar o cabelo, etc.” (FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. 2016, p. 17)

Assim, Fábria Calasans (2001, p. 96) reforça que:

Desse modo, raça e classe estão intimamente relacionadas desde as origens, por que pertencia ao dominador, o branco português, o direito de existir e decidir sobre a vida do seu dominado, o negro africano.

Da mesma maneira, autora Paola Pradini Diniz (2013, p.83) explicita a citação de Ferreira (2002, p.75): “em função do processo de desvalorização da pessoa negra, os afros descendentes tendem a introjetar a visão dominante do mundo branco.”

É inquestionável que o termo embranquecimento trata-se da minimização dos traços negros em prol de se adequar aos atributos brancos, especialmente na tentativa de mudança da cor da pele, aparência física e cabelo.

Assim, as pessoas inseridas no interior da escala podem tentar se movimentar no sentido de tornarem-se “menos negras”, num processo de “embranquecimento” que envolve mudanças no aspecto físico (alisamento do cabelo, modo de se vestir, etc.). (FIGUEIREDO, Angela, 1994, p. 31)

Dessa forma, Angela Figueiredo (1994, p.27) cita que: “Malcon X, por exemplo, ao relatar a sua primeira experiência em alisar o cabelo, demonstra a sua

sensação de admiração e conforto ao se olhar no espelho e perceber o seu cabelo semelhante ao do branco.”

É notória a alienação eurocidental realizada no pensamento da sociedade, o qual para ser classificado como belo e, conseqüentemente, ser aceito na sociedade, deve-se parecer, o mais possível que puder, com as peculiaridades físicas dos brancos. Dessa forma, muitos negros modificam-se fisicamente a fim de se aproximarem da aparência dos brancos, serem aceitos no cotidiano como tal, assim como se sentirem satisfeitos apenas pelo fato de estarem adequados ao padrão.

Guimarães (2001) aponta três “tipos” de negros brasileiros, desde a década de 50 e 60: havia um “tipo” de negro que acreditava na “democracia racial”, o chamado “embranquecido”; e um outro “tipo” consciente de sua cor e de sua discriminação, chamados por Fernandes e Bastide de “o novo negro”. Já atualmente há um negro que, para o autor, “mesmo sabendo que sua cor faz parte do jogo permanente das representações sociais, definindo oportunidades desiguais, faz, ainda assim, uma trajetória de ascensão social sem a necessidade de mobilizar politicamente a cor.” (p.130) (DINIZ, Paola Pradini, 2013, p.78)

Assim como a cor, o corpo do negro também é colocado em questão, visto que, principalmente as mulheres, possuem curvas avantajadas, o qual era o atributo principal para aproximar os brancos das negras, pois, devido ao belo corpo, os portugueses tratavam as negras como objeto sexual. Contudo, para eles, essa era a única importância das mulheres, ou seja, o corpo. De natureza igual, isso também cabia para os homens escravizados, contudo, fundamentava-se no sentido que só o corpo era relevante uma vez que possuíam força para exercer o trabalho braçal.

Nos escritos literários canônicos existe uma associação de aspecto físico de negros a uma série de comportamentos, personagens e características culturais cujas elaborações recaem sobre dualismos como o “negro é corpo” e o “branco é a razão”. (FIGUEIREDO, Angela, 1994, p. 17)

Por ora, é perceptível que o embranquecimento foi um fator crucial para a formação da identidade brasileira, visto que foi estabelecido um molde padrão de figura e mesma foi perpetuada de geração para geração, ocasionando assim, na propagação

2.4 PRECONCEITO CONTRA OS NEGROS BASEANDO-SE NA PERSPECTIVA DOS FENÓTIPOS

Em virtude desse processo de embranquecimento que, de certo modo, tornou-se modelo padrão social para ser seguido, é perceptível que isso envolveu-se no pensamento dos brasileiros como única forma de viver para ser aceito numa sociedade. Desta forma, devido a todo o sistema de escravização a qual a maior parcela dos escravizados que eram os negros traficados da África, é notório o preconceito e discriminação a qual as pessoas que possuem a pele escura sofrem, cotidianamente, pelo fato de terem sido subordinados dos colonizadores.

A abolição da escravização no Brasil não significou o início da desconstrução dos valores associados às designações de cor na sociedade. Ao contrário do que se prometeu, a “libertação dos negros não significou nem mesmo a inclusão dessa parcela da população (à época, já na casa dos milhares) ao processo político e econômico do país e muito menos a sua aceitação como indivíduo social, detentor dos mesmos direitos de classe dominantes, majoritariamente branca. (DINIZ, Paola Pradini, 1994, p.75)

Contudo, este fator também está relacionado, diretamente, com a reprodução de imagens e conceitos estereotipados realizado pelos portugueses, em que disseminaram informações as quais classificavam os negros como animais e incivilizados, logo, eram inferiores. Sendo assim, essa imagem perpetuou-se em todas as gerações, considerando o negro como um Ser desnecessário para sociedade, visto que não possui talento, nem importância.

No entanto, “em cada região do mundo dominada pelos brancos, foi gerada uma pigmentocracia entre os não-brancos: “quanto mais claros de pele, menos discriminados; e, quanto mais escuros, mais discriminados, excluídos e passíveis de serem eliminados da face da terra (CARVALHO, 2008, p.5)

Com tal característica, SCHUMAN (2010, P.46) ressalta que:

O fato de estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e raça negra faz também com que os brasileiros mestiços e grande parte da população com descendência africana não se classifiquem como negros; gerando um grande número de denominações para designar-se as cores não brancos, como, por exemplo: moreno, pessoa de cor, marrom, escurinho, etc.

É perceptível que essa caracterização refletiu-se nos próprios negros, que passaram a negar sua origem a fim de se igualar a fisionomia branca categorizada

como padrão. “É histórica a construção da beleza. Histórica e construída pelos padrões e valores de classe e da raça que se manteve no domínio e fez do seu modo de vida a referência.” (CALASANS, Fábila, 2001, p. 96)

Seguindo nessa linearidade sobre beleza, Angela Figueiredo (1994, p.36) ressalva que “Na sociedade brasileira, onde registra-se um longo passado de escravidão negra, o escravo, o “inferior” e o “outro” sempre foram reconhecidos em função do próprio aspecto físico.”

Assim, o negro é sempre conceituado como isento de beleza, uma vez que possui os traços físicos grossos e grandes, como nariz, boca, formato do rosto e bochechas; a pele escura; o corpo avantajado e o cabelo crespo, isto é, todas as características opostas ao que ditam como padrão para ser belo. Desta forma, esse é um dos elementos para expressar o preconceito.

“O preconceito é de marca e não de origem, ou seja, o elemento determinante na posição da pessoa no sistema racial brasileiro advém muito mais da sua associação ao fenótipo e muito menos da sua origem familiar.” (NOGUEIRA, 1954) apud (FIGUEIREDO, Angela;1994, p.31)

Do mesmo jeito, Fábila Calasans (2001, p. 97) cita uma entrevista com Ubiratan Castro, o qual salienta que:

- A cor da pele, o formato do nariz, o tamanho dos lábios e a textura dos cabelos foram os sinais externos que estabeleceram essa diferenciação em cima de uma necessidade técnica da escravidão de demarcar imediatamente pela aparência externa que era escravo e quem era livre, de modo a poder reprimir, perseguir, capturar.

Seguindo na mesma perspectiva, contudo, abordando a temática capilar, Fábila Calasans (2001, p. 97) expõe a entrevista do Ubiratan Castro, o qual relata que:

Mesmo para aqueles mais claros que podiam disfarçar uma escravidão pela cor da pele, o cabelo era um referência fundamental, enfim, se era sarará, se era claro de olho claro, mas tinha cabelo duro, o cabelo duro como estigma dentro da escravidão era muito forte como identificador da escravidão.

Dessa maneira, é notável que o cabelo crespo torna-se símbolo principal para caracterizar a negritude da pessoa, logo, o mesmo é referenciado com a classificação de esquisito e feioso para quem usa.

Assim sendo, a relação do cabelo com a “boa aparência” ou a atitude de “tornar-se mais bonito” ocorre na medida em que o cabelo crespo é tido como duro, feio e requer de algum modo, uma interferência para melhorá-lo, para mudar a sua aparência. (FIGUEIREDO, Angela, 1994, p. 37)

Visto isso, o cabelo crespo é um dos principais pontos de manipulações as quais as pessoas utilizam, especialmente as mulheres, para adaptarem ao meio social e se distanciar do ponto alvo para ser atingido com o preconceito, isto é, modifica, quimicamente o cabelo, a fim de torná-lo liso e sedoso e serem rotuladas como belas. Veremos isso, mais explicito, adiante.

Por ora, é importante frisar que na tentativa de minimizar o preconceito social, a lei 10.639/03 foi criada, a qual estabelece que “o ensino obrigatório da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas privadas e públicas brasileira.”

Da mesma forma, Sylvia S. Nunes (2010, p.54.) destaca, brilhantemente que:

Em contraposição a toda violência vivida pelos negros, intelectuais de vários países, no decorrer do século XX, buscaram uma forma de recuperar a identidade negra tão inferiorizada. Esse movimento foi chamado de negritude e foi inaugurado por Aimé Césaire, em 1939. Tal busca se deu por meio da negação do africano como incivilizado ou atrasado. Assim, buscou-se o orgulho de ser negro e o abandono da “máscara branca” pela divulgação e valorização das tradições africanas não mais como culturas primitivas, mas com o mesmo valor que todas as outras. Ou, até, mais valorizadas a considerar, por exemplo, a África como berço da humanidade e a origem negra dos faraós egípcios.

Enfim, é evidente que a formação da identidade brasileira, de início, foi realizada através do contato entre os povos europeus, africanos e indígenas que difundiram a cultura local no país. Mediante isso, particularidades de algumas culturas se sobressaíram e alcançaram um nível gigantesco que, conseqüentemente, tornou-se o modelo considerado como único e aceito na sociedade que, por conseguinte, as pessoas que fazem parte desse social devem ser adaptar a esse molde, no caso, o padrão eurocidental.

3 O RECÔNCAVO DA BAHIA COMO CELEIRO DO AGRUPAMENTO DE VÁRIOS POVOS

O Recôncavo histórico e cultural – área da Grande Salvador – está contido, na face litorânea da Zona da Mata, entre os rios Sauípe e Jequiçá, formando uma faixa em semicírculo de cerca de 50 a 70 km de largura, em torno da Baía de Todos os Santos. Vem daí sua designação de Recôncavo da Bahia ou simplesmente Recôncavo, e não Recôncavo Baiano, como o vêm denominando os documentos oficiais. (BRANDÃO, Maria, 2007, p. 54)

Nota-se que a escravização dos povos indígenas e africanos no Brasil gerou grande lucro financeiro aos portugueses dado que não era necessário gastar uma enorme quantia para manter estes povos, uma vez que os escravos não recebiam valores, em espécie, para exercerem o trabalho de mão-de-obra. Contrastando a isto, é evidente que o investimento ao qual era realizado sob esses povos retornava em dobro para os colonizadores, ou seja, ocorria o sistema de monopolização colonial no qual tudo que era produzido pela metrópole, no caso, alguma região do recôncavo baiano; era direcionada a maior porcentagem lucrativa para a colônia.

À vista disso, em primeiro lugar, a expansão da economia a partir do final do século XVIII, que fez aumentar o número de engenhos, a produção de açúcar para a exportação e a importação de escravos da África. Esses mesmos fatores influenciaram ainda o desenvolvimento da cultura do fumo, em Cachoeira, principalmente, fumo que era trocado na África por escravos. O crescimento da agricultura de exportação, por outro lado, foi feito às custas de uma intensificação do trabalho escravo e também às custas da produção de alimentos. O escravo do Recôncavo agora trabalhava mais e comia menos. (REIS, J. JOÃO, 1992, P.1)

Em virtude do tráfico de escravos, muitas famílias foram subdividas em diversas regiões da Bahia, contudo, isto ocasionou na separação dos membros familiares. Por isso, “sabemos que, nos meses imediatos à abolição, libertos de vários engenhos se movimentaram para cidades do Recôncavo ou vice-versa para rever parentes ou fixar moradia.” (FILHO, Walter Fraga, 2009 p.2) Sendo assim, muitos indivíduos que moravam em locais que não faziam parte do recôncavo baiano, influenciou, de certo modo, no povoamento desta região.

É um problema de sociologia histórica que leva a substituir termos genéricos, tais como o negro, o índio, os pobres, os senhores de engenho, por terminologia mais específica, que revela a pluralidade. Passa-se a falar de diferentes grupos de negros no ambiente rural e urbano e com diferentes tradições; de diversos remanescentes indígenas e da presença indígena na esfera da escravidão; de multiplicidade de condições de pobreza e de

diversos capitalistas [...]. (PEDRÃO, 2007, p.11) apud (CAROSO, Carlos; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 30)

Mesmo fazendo parte do conglomerado do Recôncavo, há disparidades e singularidades nas características históricas de cada cidade, uma vez que, em cada região, houve a presença de diversos grupos distintos vindos da África e das tribos indígenas que transmitiram suas determinadas culturas. Do mesmo modo, como é o caso de Santo Amaro e Cruz das Almas, estas cidades fazem parte do recôncavo da Bahia, no entanto, em Santo Amaro há a forte presença do samba de roda como um viés cultural, em contrapartida, em Cruz das Almas “a guerra de espadas é a verdadeira expressão cultural do seu povo.”

Se respeitamos os seus limites históricos e culturais, quarenta municípios compõem o Recôncavo: Amélia Rodrigues, Aratuípe, Cachoeira, Camaçari, Candeias, Catu, Conceição do Almeida, Conceição de Feira, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Dias D'Ávila, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Itanagra, Itaparica, Jaguaripe, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Maragogipe, Mata de São João, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Salinas da Margarida, Santo Amaro da Purificação, Santo Antonio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Gonçalo dos Campos, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara, Simões Filho, Teodoro Sampaio, Terra Nova, Varzedo e Vera Cruz e Salvador, considerada parte do Recôncavo até a criação da Região Metropolitana de Salvador - RMS. (BRANDÃO, Maria, 2007, p.56)

3.1 SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: A TRANSCENDÊNCIA HISTÓRICA

Finalmente, nesse capítulo, corresponderá especificamente sobre a temática principal da pesquisa, contudo, antes será enfatizada a história do município de Santo Amaro e como a vinda dos povos estrangeiros ao Brasil desencadeou na construção socioidentitária da população.

Dessa maneira, anteriormente a chegada dos portugueses ao Brasil, tribos indígenas já habitavam o local as quais utilizavam a terra para plantação agrícola e sustento da família.

As terras santoamarenses foram parte integrante da sesmaria doada por Mem de Sá em 1559 para seu amigo Fernão Rodrigues Castelo Branco, situada nas proximidades dos Rios Traripe e Subaé. Segundo historiadores, os primeiros civilizadores chegaram naquela região 2 anos antes em 1557 e ali encontraram os primeiros habitantes nativos os índios: Abatirás, Pitiguaras e Carijós. (PREFEITURA DE SANTO AMARO-BA, [201-?])²⁰

Assim, mediante a chegada os portugueses, os engenhos foram construídos com o intuito de servir como local de abrigo para os escravizados africanos, assim como, armazenar o açúcar produzido.

De 1557 a 1572 deu-se a excepcional expansão colonizadora do Recôncavo, construindo-se vários engenhos, entre eles Conde e Marapé, fundados por Mem de Sá e em 1878 existiam em Santo Amaro 129 engenhos de açúcar, daí se percebe a importância dos engenhos em Santo Amaro. (ROTAS CULTURAIS, 2013)²¹

Por conseguinte, “A fertilidade da terra e o arrojo com que os colonizadores se dedicavam ao trabalho, transformaram Santo Amaro, em pouco tempo, numa importante zona produtora de açúcar, fumo e mandioca.” (PREFEITURA DE SANTO AMARO-BA, [201-?])²²

De modo igual, como foi salientado no capítulo anterior, é notório a grande presença da religião como fator crucial para catequização dos escravizados.

Admite-se como provável, que antes desse estabelecimento já se tivesse iniciado a catequese pelos jesuítas do Colégio de Santo Antão de Lisboa,

²⁰ Disponível em: <<http://santoamaro.ba.gov.br/historia/>>. Acesso em 6 de julho de 2016.

²¹ Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

²² Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

fixados na margem do mesmo Traripe, um pouco abaixo das terras dos Adornos. Ali fundaram uma capela, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. Em redor do modesto templo, morro abaixo, alastrou-se o casario. Todavia, por dissensões peculiares àquela época, foi um jesuíta assassinado na capela quando celebrava missa. Em consequência, o templo foi interditado, verificando-se o deslocamento dos colonos para outro local, na confluência dos rios Serjimirim e Subaé, em terras do Conde de Linhares, onde se construiu nova capela. (PREFEITURA SANTO AMARO-BA)²³

Com grande consideração e felicidade por ser santamarense, não poderia deixar de destacar a magnitude do município na atuação histórica do país, especialmente, do estado da Bahia.

Santo Amaro teve participação importante em dois grandes momentos da história do Brasil: em 1798 com Manuel Faustino dos Santos, teve participação ativa no episódio conhecido como Conjuração dos Alfaiates, em 1822 com a ata de 14 de Junho (data magna da cidade), que foi um grande passo para a independência da Bahia e posteriormente do país. (PREFEITURA DE SANTO AMARO-BA, [201-?])²⁴

Esses aspectos e muitos outros têm grande relevância na composição socioidentitária dos santamarenses. Mais adiante, será discorrido, com mais precisão, sobre essa temática, especialmente, sobre como a cultura tornou-se vertente principal na produção da identidade.

3.2 SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: A CULTURA COMO MECANISMO IMPORTANTE NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

“Ói eu Santo Amaro oi eu
Ói eu Santo Amaro oi eu
Ói eu Santo Amaro oi eu
Eu carrego a beleza desse amor”

Roque Ferreira e Délcio Carvalho

A epígrafe deste capítulo, que é uma música dos compositores Roque Ferreira e Délcio Carvalho e interpretada pela maravilhosa cantora santamarense Maria Bethânia, já expressa, de antemão, que o mesmo será carregado de amor,

²³ Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>> Acesso em 24 de abril de 2016.

²⁴ Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>> Acesso em 24 de abril de 2016.

principalmente, por se tratar da cultura do meu município a qual possui singularidades dos aspectos identitários do meu povo negro.

A vila de Santo Amaro nasceu em volta da capela da mesma invocação edificada pelos beneditinos em terreno de 400 braças em quadra, que ganharam em 1607 de Gonçalo Alves, que o havia adquirido cinco anos antes de Dona Felipa de Sá, filha de Mem de Sá. O era propriamente um santuário de peregrinação, mas a povoação nasceu de uma motivação religiosa e se desenvolveu pelo fato de estar no limite de navegação do Subaé. (CAROSO, Carlos; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 217-218)

Santo Amaro da Purificação, inicialmente, era uma vila que fazia parte do recôncavo a qual durante o período colonial serviu como base de produção agrícola que desencadeou num alavanque da economia brasileira, uma vez que possuía solos férteis que facilitava na produção de alimentos em grande escala.

Assim, para viabilizar o comércio interno:

Santo Amaro inaugura em 1883 uma linha férrea de 36 km, que chegava até Jacu e atendia a engenhos e, depois, usinas de açúcar. Por outro lado, a Lei Provincial no 590, de 1856, promove a criação de uma estrada carroçável entre o porto de Maragogipe e São Felipe, concluída em 1858.” (TEIXEIRA, 1998, p. 52) (apud CAROSO, Carlos; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 100.)

Com o tráfico de escravos e mediante a chegada desses africanos ao Brasil, muitos deles se instalaram em Santo Amaro, o qual gerou na propagação da cultura africana na região. O bembé do mercado, por exemplo, é um movimento cultural que aconteceu durante o período da colonização e até os dias atuais é celebrado na cidade. Neste evento é representado o legado deixado pelos africanos ao Brasil, no qual são exibidas danças como a capoeira, o nego fugido, principal figura do sistema da escravidão; o bumba-meu-boi e entre outros.

Tem caráter simultaneamente cívico e religioso o célebre Bembé do Mercado de Santo Amaro, de que participaram, no dia 13 de maio de 2009, mais de trinta terreiros: trata-se de um vistoso candomblé em área pública, celebrando a vitória contra os poderosos locais que pretenderam ignorar a abolição e manter o escravagismo; festeja, também, a liberdade de culto conquistada a duras penas pelo povo-de-santo santo-amarense.(CAROSO, Carlos; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 459)



Figura 5: Festa do Bembé do Mercado. (Acervo da prefeitura local)

Além disso, ainda existem outras representações culturais e literárias que é denominada como literatura de Cordel, na qual os artistas escrevem as histórias antigas e abordam diversos temas, principalmente, a escravidão na Bahia, assim como cita (CAROSO, Carlos; TAVERES, Fátima; PEREIRA, Cláudio, 2011, p. 471)

O cordel floresceu e floresce na região em apreço, onde muito se destacaram, entre outros, o famoso Cuíca de Santo Amaro e outros mestres do gênero, como Rodolfo Coelho Cavalcante e Antônio Vieira; na atualidade se distinguem Antônio Barreto, Franklin Machado e Bule Bule (Antônio Ribeiro da Conceição), mas há vários outros cordelistas importantes. Tem sede em Salvador, no bairro de Dom Avelar, próximo a Pirajá, a *Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel*.”

Seguindo na perspectiva atual, baseando-se nas características geográficas:

Santo Amaro (também conhecida pela denominação não oficial Santo Amaro da Purificação) é um município na mesorregião Metropolitana de Salvador, no estado da Bahia, no Brasil. Possui 492 quilômetros quadrados de área e uma população de 61 407 habitantes (2013), resultando numa densidade demográfica de 124,58 habitantes por quilômetro quadrado. (IBGE)



Figura 6: Foto antiga de Santo Amaro da Purificação. Fonte: Bahia Tursa

Devido à transposição territorial de vila para cidade, o município sofreu algumas mudanças, especialmente, em fragmentações do local.

Em divisão territorial datada de 1993, o município é constituído de 3 distritos: Santo Amaro, Acupe e Campinhos. Sendo Acupe um dos principais distritos de Santo Amaro da Purificação, ela é uma comunidade de origem indígena e africana e é conhecida por manifestações culturais criadas por escravos em sua maior parte Nagô. (ROTAS CULTURAIS, 2013)²⁵

Desse modo, Joice Lorena (2016, p. 30) cita brilhantemente a descrição sobre o negro fugido realizada por Domingos Fiaz (2012, p.145).

O Nego Fugido é uma peça teatral encenada nas ruas deste distrito, onde os caçadores andam com negros amarrados, pedindo a sua liberdade aos populares dizendo o seguinte: “Solte a nega aia” e frisando “a nega é boa, lava prato, varre casa, e sabe fazer tudo”. O pedinchão ajoelha aos pés das pessoas com o intuito de receber algum trocado para pagamento de sua liberdade, que acontecerá mais tarde, com a entrega de tais valores ao rei. Após a liberdade, os negros e os caçadores, ao som dos atabaques, bailam de alegria, cantando a música: “Ou aia me soltou, ou aia me soltou”.

²⁵ Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>> Acesso em 24 de abril de 2016.



Figura 7: Nego fugido. Fonte: Rosana Ribeiro

Com tal característica, é evidenciada no município a prática de samba de roda, sendo que é uma das cidades da Bahia a qual possui bastante destaque.

Santo Amaro é uma forte representação do samba de roda no Recôncavo Baiano. Dois importantes espaços culturais da região são dedicados ao samba de roda, são eles a Casa do Samba e o Memorial da Dona Edith do Prato. A Casa do Samba fica localizada próxima a rodoviária, já na chegada da cidade. O casarão de estilo colonial, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN) em 1978. Em 2007, se transformou em um centro de referência em samba de roda, a Casa de Samba de Santo Amaro, que guarda documentos históricos e possui estúdio de gravação e albergue para os visitantes. (ROTAS CULTURAIS, 2013)²⁶

Assim, nota-se que existem variados primas culturais nesse belíssimo município e que todos esses pontos têm contribuição direta dos povos africanos. Desse modo, é perceptível que houve modificações nas culturas, mas isso se deve ao fato da sucessão das gerações. Logo, a cultura não é uma óptica estática, visto que, modifica-se gradativamente, porém, sem perder a sua essência principal.

Dessa maneira, Cintia Tâmara Pinto da Cruz (2013, p.89) cita Hall (1993, p. 45) a qual enfatiza que:

As reflexões de Stuart Hall (1993) sobre as identidades e perfis de personagens centrais da análise da cultura se sustentam na ideia de que as identidades estão sempre em processo de formação, de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Afirma ainda que, embora a noção de identidade esteja relacionada a “pessoas que se parecem”, “sentem a mesma coisa” ou “chamam a si mesmas pelo nome”, estes são referenciais insuficientes, que não satisfazem aos pressupostos necessários à compreensão adequada do fenômeno da identidade. Como um processo, assim como uma narrativa ou bem como um discurso, “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro”.

²⁶ Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>> Acesso em 24 de abril de 2016.

Seguindo nesse ponto do enfoque cultural, há também no município singularidades impostas pelo padrão eurocidental ao qual se refletiu na estética. Assim como ressalta Fábria Calasans(2001, p.96) “A cultura nos ensina a olhar o nosso corpo através dos padrões de beleza que foram sendo construídos ao longo da história.

Assim sendo, esse é o ponto principal da pesquisa, relatar como ocorreu o processo de desvinculação dos preceitos padrão de beleza ao qual foi inserido no pensamento das pessoas santamarenses e, por conseguinte, tratar, em especial, sobre a aceitação do cabelo crespo das mulheres santamarenses-Ba. De antemão, acentuo que os capítulos seguintes irão despertá-lo a novo olhar de libertação.

4 O CABELO CRESPO COMO OBJETO DE ESTUDO

Cabelo crespo é quando o fio é enrolado desde a raiz até as pontas, alguns mais abertos, outros mais fechados, tem o seu ressecamento natural por ser em forma de espiral e a sua oleosidade natural da raiz demora a chegar nas pontas, diferente do cabelo liso. É frágil, volumoso e muito bonito. (I.S., 18 anos)

Início o capítulo exibindo na epígrafe a exuberante citação de uma das entrevistadas da pesquisa, quando lhe foi questionada sobre: “O que é cabelo crespo para você?”. Ressalto que a mesma disse com exatidão sobre o cabelo crespo e suas características.

Sem mais delongas, enfatizo que no capítulo será discorrido sobre como o cabelo crespo, um elemento tão simbólico e forte, tornou-se premissa para a desconstrução social acerca do modelo padrão eurocidental do embranquecimento. Será tratado como os movimentos sociais contribuíram para a valorização da identidade negra; o processo de aceitação do cabelo das mulheres santamarenses e como a sociedade se comportou mediante isso e, por fim, a mudança das empresas de cosméticos na fabricação de produtos para esse tipo de cabelo.

Enfim,

O estudo sobre o cabelo propiciou não apenas entender a concepção da beleza, os discursos afirmativos da identidade e da ascendência africana construídos juntos com o trançado afro, bem como atentar para a lógica de mercado, constituídos pelo aumento da demanda e da oferta de produtos e da proliferação de discursos em torno da manipulação do cabelo. (FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia, 2016, p.9)

4.1 DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Por conta deste padrão estético que foi imposto, muitas mulheres iam aos salões de belezas para aplicar produtos que suavizassem a raiz que estava alta, ou seja, a raiz crespa. Com tal característica,

A arte de alisamento de cabelo tem sido praticada desde o início do século XX, quando C.J Walker teve a ideia de usar um pente de metal aquecido no cabelo embebido com óleo, para dar forma aos fios. Este estilo de alisamento temporário utilizando fonte de calor é ainda utilizado, sob auxílio das pranchas aquecedoras e adição de um óleo ou loção aplicada ao cabelo para protegê-lo. (STEFONI, Simone Aparecida da França, 2014, p. 64)

Associando a esta questão, devido à grande procura por estes processos, houve a fabricação de novos produtos que tinham como objetivo extinguir toda a raiz crespa, por conseguinte, alisaria o cabelo por completo. Assim,

Anos depois, diversos equipamentos foram patenteados com o intuito de promover alisamento capilar, como uma escova metálica pré aquecida que tinha como objetivo diminuir frizz e indicada para cabelos crespos e cacheados. (STEFONI, Simone Aparecida da França, 2014, p.66) apud (PROCTOR, 1922, p.15)

Correlacionando com o período da colonização, percebe-se que houve diversas transformações no âmbito social, especialmente, quando se trata sobre a maneira da mulher se embelezar. Antigamente,

Tais produtos não recebem ainda o nome de cosméticos, são chamados de remédio, mostrando uma associação entre beleza e saúde, que são misturadas nos discursos higienistas e médicos. A feiura aparece como uma doença e os "remédios" prometem curá-la. (BERGER, Mirela, 2006, p. 94-95)

Devido à intensa procura por produtos químicos, foi necessário um aprofundamento do setor comercial dos cosméticos a fim de disponibilizar novas mercadorias que possuíam composições distintas as quais as mulheres estavam acostumadas. Por com disso,

Por volta de 1959, foram introduzidos nos salões de cabeleireiro os métodos químicos mais elaborados à base de hidróxido de sódio. Em seguida, foram utilizados outros métodos baseados em sulfitos ou tioglicolato. (STEFONI, Simone Aparecida da França, 2014, p. 64)

Outro método para ter o sonhado alisamento do cabelo crespo era o “ferro”, que consistia num equipamento que ao ser ligado no fogo, era passado na raiz e comprimento do cabelo com o intuito de alisar. O fato mais interessante desse procedimento, é que só podia utilizar quem tivesse o cabelo natural, isto é, livre de qualquer tipo de química capilar como tintura ou algum produto que fosse composto por hidróxido de sódio.



Figura 8: Ferro de cabelo. Arquivo pessoal de Suzane Teixeira.

“Até o final da década de setenta, alisar o cabelo a “ferro” era muito comum entre os negros. Para as pessoas de cabelo crespo, existiam duas possibilidades: alisar o cabelo a “ferro” ou usar lenço.” (FIGUEIREDO, Angela, 1994, p. 34).

Conjuntamente, Cintia Cruz (2013, p.90) relata que:

Ainda segundo Hooks em determinado momento da história o ritual de alisamento a qual as mulheres afro americanas submetidas perdera o sentido com a chegada do barulho de secadores e acabara por transformar aquele momento em uma relação do capital, na qual não havia mais diálogo, mas muita pressa.

Com várias sedes existentes no Brasil, tendo algumas na Bahia, basicamente em Salvador, o “Beleza Natural” é uma empresa, mais precisamente, um salão que trabalha, especificamente, com a manipulação dos cabelos crespos e cacheados. Desta forma, utiliza um produto capilar, que contém química, denominado por super

relaxante ²⁷e serve particularmente para esses tipos de cabelos, pois possui uma fórmula que transforma e mantém o cabelo com cachos.

Destarte, Cintia Cruz (2003, p.83) ressalta as características da ideologia padrão do embranquecimento a qual é lema da empresa; “O padrão normativo é conhecido pelo “cabelo bom”, “cabelo que balança”, “cabelo sensual”.”

Numa conversa com as entrevistadas, foi questionada acerca da utilização de química de transformação capilar, nota-se no trecho da entrevista:

Pergunta: Seu cabelo é natural ou há utilização de química de transformação capilar? Qual?

Resposta: Com química. Utilizo a química sem guanidina da Empresa Salon Line. (R.R., 49 anos.)

Resposta: Com química. Utilizo a química com guanidina, da marca Salon Line. (J.B., 44 anos)

É notável que mesmo deixando de alisar o cabelo, as mulheres ainda tornam-se dependentes da química de transformação, na maioria das vezes, por não gostar da naturalidade do cabelo crespo, pois é muito cheio. Então, optam por este método que não alisa o cabelo e o mantém com cachos.

Logo mais, será explanada acerca da desvinculação da alienação capilar imposta pelo embranquecimento e como esta renúncia ocorreu na vida das mulheres e na sociedade, em geral.

4.2 DESVINCULAÇÃO DA ALIENAÇÃO CAPILAR

Mulher negra não se acostume com termo depreciativo

Não é melhor ter cabelo liso, nariz fino

Nossos traços faciais são como letras de um documento

Que mantém vivo o maior crime de todos os tempos

Fique de pé pelos que no mar foram jogados,

Pelos corpos que nos pelourinhos foram descarnados

Não deixe que te façam pensar que o nosso papel na pátria,

²⁷ “No Beleza Natural, a composição do super relaxante traz substâncias como o extrato de cacau e açai, ou seja, não chega a ser tão agressivo.”

Quanta felicidade cabe em mim por poder tratar desse tema, especialmente, com a intitulação “desvinculação da alienação capilar.” Dúvidas devem ter surgido, tenho certeza disso, mas não há com o que se preocupar, pois abordarei detalhadamente sobre tal.

Primeiramente, por qual motivo esse título foi utilizado? Mediante a tudo o que já foi lido, saliento novamente, o papel que os povos estrangeiros tiveram na sociedade brasileira, em especial, os portugueses, os quais disseminaram suas ideologias locais e, conseqüentemente, perdurou durante as gerações e se renovou, como é o caso do “embranquecimento”, que se abrangeu na sociedade com o propósito de impor um padrão estético o qual as pessoas deveriam seguir para serem aceitas. Isto, infelizmente, aconteceu e é notável no cotidiano.

Entretanto, melhor dizendo, finalmente, muitas pessoas estão mudando o modo de pensar e percebendo que aceitação é de cada um, ou seja, individual. E que seguir o padrão, na maioria das vezes, não é uma escolha que traz vantagem ou faz bem ao próprio Eu. Assim, é nessa perspectiva que trata a desvinculação da alienação capilar, no qual as pessoas estão abdicando-se de padrões a fim de seguirem os preceitos que desejarem. Digo e repito, que essa não é uma tarefa fácil até porque é uma doutrina que contribuiu para a construção social do país e é vigente durante anos, não é aceitável pela maioria com satisfação. Contudo, não há concepção melhor, e maior, que o prazer da liberdade de escolha.

O indivíduo se identifica reconhecendo o seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim, a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem. (CARVALHO, 2003, p. 19)

Concomitantemente, Angela Figueiredo (1994, p.30) realça que:

A marca do negro antes submetida a um processo de manipulação visando o “embranquecimento”, hoje manifesta-se determinante para a construção de uma identidade que, acima de tudo, revela um rompimento com o padrão anterior.

De modo igual, Fábria Calasans (2001, p. 110) aponta que:

Essa revolução estético-político-cultural proporcionada pelo tempo, pela história e pela resistência foram fundamentais para que hoje nós tenhamos consciência de quem somos.

Além disso, ainda permanece o preconceito no qual a maioria das crianças e os adultos sofrem em virtude de decidirem assumir a verdadeira identidade capilar. Há, constantemente, ataques racistas e discriminatórios os quais as pessoas exprimem comentários como: “seu cabelo é duro”, “seu nariz é muito grande”, “não contratamos pessoas pretas” e entre outros.

O racismo é um tema pouco abordado na psicologia, no entanto, trata-se de um problema social sério. Pesquisas têm observado, em vários países, a frequência cada vez maior da forma sutil de preconceito em contraposição à diminuição da forma mais explícita. (NUNES, 2010, p.10)

Com excelência, Angela Figueiredo (1994, p. 9) ressalta sobre essa questão:

O cabelo crespo sempre fez parte da imagética das representações raciais, sendo imprescindível na construção dos estereótipos. Por esse e outros motivos é que historicamente os negros vêm sendo vitimizados no mercado da aparência ou no mundo da beleza, uma esfera marcada de modo contínuo pela construção de estereótipos negativos associados aos fenótipos negros, considerados feios, principalmente nos contextos em que há fortes e significativas desigualdades étnico-raciais.

Mediante isso, é perceptível que há perpetuação do embranquecimento desde a infância, no qual são produzidas bonecas, objetos atrativos e prazerosos para as crianças, a figura seguindo o padrão eurocêntrico, em que evidencia os traços físicos finos, o cabelo extremamente liso e longo, o corpo magro e a pele branca. Desta forma, as crianças tendem a querer parecer com estas bonecas, então, rejeitam o cabelo crespo e a pele escura.

“As crianças ainda experimentam os resultados históricos da opressão racial e é isso que justifica uma reflexão mais aprofundada sobre a importância dos cabelos na formação da identidade negra.” (CALASANS, Fábila, 2001, p. 98)

Sendo assim, as mães ou as responsáveis pelas crianças, iniciam desde a infância, o processo químico capilar, as quais têm o propósito de alisar o cabelo dxs pequeninx para facilitar ao pentear e para integrá-las à sociedade.

“Ainda hoje na Escola, os cabelos crespos são motivo de piada, deboche e desprezo às características fenotípicas das crianças negras.” (CALASANS, Fábila, 2001, p. 98)

Infelizmente, o que ocorre no Brasil é o preconceito “mascarado” no qual a sociedade manifesta o ódio, apenas pelo fato do Outro possuir traços físicos distintos ou a renda financeiramente inferior, e argumenta que está expondo apenas sua opinião, com citações que “no Brasil existe a liberdade de expressão e evidenciar as características do Outro não é uma forma de coerção e exclusão.

“Ver o cabelo crespo como “ruim” e o do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste.” (GOMES, Nilma Lino, 2006, p. 42)

Desta forma, são bastante perceptíveis as atitudes discriminatórias quando se trata da desvinculação das imposições implantadas pelo modelo eurocêntrico, no qual para ser aceito nesta sociedade, a pessoa deve ter pele clara ou ser branca; cabelos lisos e possuir traços finos. Entretanto, mesmo com todas essas práticas preconceituosas, muitas pessoas estão se libertando do padrão estético de beleza e assumindo sua verdadeira identidade capilar.

É preciso construir um discurso contrário ao vigente, um discurso que aprove o corpo negro, um discurso que valorize esse corpo destituindo-o de preconceitos e valores negativos que interferem na formação da identidade desse indivíduo. É preciso, então, elaborar um contra-discurso que construa uma identidade negra positiva. (CALASANS, Fábria, 2001, p. 110)

Essa revalorização dx negrx é de extrema importância no destaque para identidade uma vez que enaltece os traços da raça negra e inspira as pessoas ao redor. “Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária.” (GOMES, Nilma Lino, 2006, p. 43)

Assim sendo, além de outros aspectos fenóticos, o cabelo crespo é o símbolo que distingue quem é negro ou branco numa sociedade, visto que mesmo que a pessoa possua a pele clara, em suma, carrega características do povo negro, especialmente no cabelo que é mais frisado que o liso, logo, a mesma é negra. Desta forma, Nilma Lino Gomes (2006, p. 46) ressalva: “No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime uma marca da negritude nos corpos.”

4.3 OS MOVIMENTOS SOCIAIS ATRELADOS AO EMPODERAMENTO CRESPO, NUMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Represento Aquilone, represento Carolina

Represento Dandara e Xica da Silva

Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro

Forte, autoritária e às vezes frágil, eu assumo

Minha fragilidade não diminui minha força

Mc Carol

A epígrafe deste subcapítulo, que é um trecho da música “Mulheres Negras”, de Mc Carol com participação de Karol Conká; exemplifica, com excelência, os dogmas do feminismo: a força da mulher. Assim, é notório que para efetivar o papel na sociedade a mulher sofreu bastante, tendo que se privar da liberdade pessoal para seguir os preceitos que lhe impuseram.

Com natureza igual, não apenas no âmbito profissional, isso ocorreu com a estética. A mulher não detinha a escolher de decidir qual roupa, cabelo ou corpo queria usar. Impuseram-nas, desde os tempos mais antigos, no período da escravidão, a servir como objeto sexual e doméstico do homem, no qual a mulher valia apenas para gerar o filho e exercer as atividades de limpeza, cozinha e entre outras.

No ambiente doméstico, também podemos ver que a influência feminina poder ser vista no trato com a criadagem ou, até mesmo, na negociação de direitos e tarefas a serem delegadas ou permitidas pelo marido. (SOUSA, Rainer Gonçalves, [201-?])²⁸

Sem menos importância, a mulher negra ainda possuía menos magnitude que a branca, uma vez que prestava apenas para satisfazer os desejos sexuais dos colonizadores. Assim realça Marc Bloch (2016)²⁹

A mulher escrava fazia ponte entre a senzala e o interior da casa grande, representava o ventre gerador. As negras mais bonitas eram escolhidas pelos senhores para serem concubinas e domésticas. Eram objetos dos desejos sexuais dos homens, a negra sofria por parte da mulher branca os

²⁸ Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-mulher-no-mundo-colonial.htm>>.

²⁹ Disponível em: <<https://fhistoria.wordpress.com/2016/06/16/a-mulher-negra-escrava-no-brasil/>> Acesso em: 15 de maio de 2016.

castigos mais variados e violentos. Se a beleza dos seus dentes incomodava a sinhá, mandava arranca – lós e assim a violência contra a mulher negra e escrava corria a solta.

Remetendo-se a essa beleza evidenciada por BLOCH (2016), ³⁰“o cabelo crespo também foi um aspecto ao qual as negras sofriam maus tratos dos senhores e senhoras da colônia, por ser considerado como feio e desprezível.”

Mediante isso, alguns jovens se agruparam com o intuito de criar movimentos sociais no qual o objetivo era desconstruir o estereotipo negativo em que os negros eram submetidos. Assim, “a década de setenta foi marcada pelo reaparecimento de vários movimentos sociais por todo o mundo, incluindo também o dos negros aqui no Brasil.” (CALASANS, Fábria, 2001, p. 101)

Do mesmo modo, Angela Figueiredo; Cintia Cruz, (2016, p.26) explica que:

Especificamente no Brasil, a afirmação dos valores negros africanos e a adesão a uma estética particular cujo principal objetivo consiste em romper com o padrão de beleza branco vigente, surgem a partir da década de setenta, juntamente com o Movimento Negro Unificado.

Diversas esferas sociais foram atingidas, não apenas no Brasil, como no mundo. Dessa forma, alguns movimentos sociopolíticos foram criados em prol da valorização da identidade negra e suas vertentes.

A reivindicação de um Poder Negro virou voluntariamente às costas à integração e à dissolução, em nome de valores de uma cultura negra. Dessa forma, foi organizado na década de sessenta, o Movimento Black Power. (CALASANS, Fábria, 2001, p. 98)

Com tal natureza igual, Fábria Calasans (2001, p.98) reforça sobre o movimento Black Power, que ocorreu nos Estados Unidos.

O Black Power foi um movimento organizado pelos Panteras Negras, jovens negros que não temiam o confronto direto com a polícia e traziam no discurso palavras de ordem, frases para elevar a autoestima e valorizar o afroamericano com uma postura altiva, punhos cerrados e erguidos e cabelos arredondados que se tornaram a marca mais forte de afirmação do corpo negro.

O movimento Black Power tornou-se inspiração para os intelectuais brasileiros que comandavam os movimentos sociais. Assim, esse movimento no país carregava os preceitos estéticos, isto é, era enfatizado na valorização do corpo e cabelo crespo do negro. “No Brasil, a cultura de afirmação da negritude incentivada

³⁰ Disponível em: <<https://fhistoria.wordpress.com/2016/06/16/a-mulher-negra-escrava-no-brasil/>>
Acesso em: 15 de maio de 2016.

pelos Panteras Negras chegou aos afro-brasileiros através da estética e da moda, com as roupas, as boinas e os cabelos.” (CALASANS, Fábila, 2001, p. 99.)

A criação dos movimentos sociais fez que com os negros tivessem um papel ativo na sociedade, de forma organizada e com embasamento, o que foi de grande-valia no reconhecimento e valorização da identidade negra.

O novo modo de perceber o corpo criado pelo Black Power e pelo Ilê Aiyê influenciou os negros no Brasil e proporcionou o fortalecimento de uma organização política e cultural que já existia desde 1931 com a fundação da Frente Negra Brasileira. (CALASANS, Fábila, 2001, p. 101)

Por meio de uma entrevista feita com Lourdes Siqueira, a autora Fábila Calasans (2001, p.100) ressalta que:

O Ilê é a estética que criou hoje em vinte e sete anos esse gosto por esse cabelo, esse orgulho de ser negro. O Ilê traz essa revolução de nós nos amarmos, amar o nosso cabelo, amar nossa cor, nosso jeito de vestir cores alegres que corresponde com o nosso jeito de ser africano, de gostar de ser alegre, exuberante, extravagante.

Concomitantemente, Fábila Calasans (2011, p. 99) enfatiza a citação do historiador Ubiratan Castro o qual evidencia que “Os movimentos políticos ajudaram a estética, romperam padrões, liberaram certas coisas que antes eram um tabu.”

A elaboração dos movimentos sociais contribuiu, em grande escala, na revalorização da identidade do próprio Eu de muitas pessoas, por isso, abdicaram-se dos padrões vigentes a fim de exaltar as vontades pessoas de fazer o que desejar, especialmente, utilizar o cabelo crespo como forma de liberdade. “É o apelo coletivo proveniente dos discursos dos movimentos negros que influenciam os negros e as negras a deixarem de alisar o cabelo.” (FIGUEIREDO,Angela, 1994, p.27)

Isso posto, Angela Figueiredo (1994, p.27) assinala:

Destarte, é possível identificar a partir desse período, década de setenta, as diferentes formas de usar o cabelo crespo, assinalando o final da década de oitenta e o início da década de noventa como momentos de significativa importância nesse processo.

Visto isso, nota-se que “então, nossos cabelos também integram nosso repertório de lutas e emancipação diante de uma sociedade secularmente sexista e racista.” (RIBEIRO, Denize, 2015). Deste modo, a aceitação capilar é a transparência da força da mulher.

4.4 ACEITAÇÃO DO CABELO CRESPO DAS MULHERES SANTAMARENSES

*Qual é o pente que te penteia
Qual é o pente que te penteia
Qual é o pente que te penteia, ô nega.*

Elis Regina

A epígrafe exhibe, previamente, acerca da temática a qual será apresentada no capítulo, ou seja, “o pente que te penteia”, na verdade, é uma simbologia ao **ouriçador**, pente utilizado pelas pessoas que possuem cabelo crespo; o qual garante que o cabelo fique cheio, visto que o mesmo adentra e puxa a raiz, retirando a maioria dos cachos que fazia com que o cabelo ficasse mais definido. “Nos dias de hoje, os “pentes que penteiam” os cabelos da mulher negra variam de garfos e ouriçadores.” (CALASANS, Fábria, 2001, p. 103)

Figura 9: Ouriçador. Foto: Sâmia Lopes



Assim, será percorrido acerca do foco principal da pesquisa, que é a aceitação do cabelo crespo das mulheres santamarenSES e como isto colaborou na mudança da

vida cotidiana. Mediante isso, trata-se de um percurso sobre a cidade de Santo Amaro da Purificação-Ba e as características do povo local.

Isso posto, Santo Amaro da Purificação é um município, que faz parte do recôncavo baiano, possui 492km² de área e uma população de 61.407 habitantes (2013), sendo que a maioria desses cidadãos é composta por negros. De tal maneira, hoje, nota-se um grande número de pessoas, especialmente mulheres, que estão aderindo ao cabelo crespo ou o cacheado, por conseguinte, valorizando a raiz capilar natural.



Figura 10: Praça da Purificação. Fonte: JF Paranaquá (2012)

Conforme o Censo (2010), “a população de Santo Amaro é distribuída entre homens e mulheres. A população masculina representa 27.755, enquanto a população feminina é de 30.045 hab.”

No entanto, apesar da enorme quantidade de negrxs no município, ainda há o pensamento preconceituoso dos cidadãos santamarenses. Este fato está vinculado aos preceitos eurocêntricos que foram impostos na sociedade como únicos e verdadeiros. A caracterização, realizada pelos europeus, na qual foi reproduzida imagens estereotipadas sobre os negros, ressaltando que, devido a escravidão do negro, os mesmos são seres violentos, desprovidos de capacidade intelectual,

piores que animais e são marginais, ou seja, estão à margem da sociedade, conseqüentemente, não possuem atributos que farão deles sujeitos ativos no âmbito social, uma vez que não estão adequados a exercerem altos cargos profissionais.

Acerca da dificuldade em encontrar emprego devido ao cabelo crespo, as mulheres apontaram:

Pergunta: Você teve dificuldade ao encontrar emprego por conta cabelo? Quais?

Entrevistada: Sim, em alguns locais, me perguntavam porquê eu não cortava o cabelo, que estava muito grande e duro e como eu agüentava o cabelo duro sem alisante ou permanente. (J.B., 44 anos)

Entrevistada: Sim. Me pediam para que eu diminuísse o volume do cabelo. (A.V., 17 anos)

Esse é o cenário da realidade social, no qual, devido ao cabelo crespo, muitas pessoas são discriminadas e caracterizadas como desprezíveis ou desprovidas de talento para exercer determinadas funções. Há empresas as quais citam que a utilização desse tipo de cabelo pode afastar os clientes, por ser associado à figura de bruxa.

Assim como cita Mirela Berger (2006, p.90): “Portanto, os critérios de beleza que definiam as mulheres eram: ser branca, nunca demasiadamente pintada, com os cabelos cuidados e adornados em complicados penteados, bem vestida, e detalhe eguios.”

À vista disso, é evidente que o estereótipo identitário perpassou períodos históricos, assim, afeta, em grande escala, as pessoas da contemporaneidade, dado que a sociedade, a maioria, prefere seguir o padrão estabelecido para ser considerado como uma pessoa aceitável ao meio social, logo, abdica-se do próprio perfil e personalidade para aderir ao modelo, considerado como correto.

Seguindo esta perspectiva,

Outro critério que fazia uma mulher ser considerada bela era ser loira, aspecto ressaltado por Freyre (1986) o qual diz que a moda das loiras chegou ao Brasil com bonecas de porcelana francesa, todas loiras, de olhos azuis e vestidos de seda. Ele acredita que ao chegar às mãos das meninas ricas fez com que algumas crescessem contaminadas de um certo arianismo, desejando que suas crianças nascessem loiras como as bonecas e também para consolidar esta característica como padrão de beleza das mulheres dos trópicos. (FREYRE, 1986) apud (BERGER, Mirela, 2006, p.97)

Com tal linearidade, abordando o quesito da beleza, felizmente, as entrevistadas possuem um ponto de vista racional e empoderado:

Pergunta: O que é boa aparência para você?

Entrevistada: Está bem arrumada e com a auto-estima sempre para cima. (R.R., 49 anos)

Entrevistada: É a aparência que te faz bem, que te faz feliz. Se você próprio está se sentindo agradável com a aparência que tem, não dar o direito de terceiros falarem que essa não é a forma correta. (I.L., 18 anos)

Contudo, mesmo com todas as imposições e as dificuldades para serem integrados à sociedade, os cidadãos brasileiros, em particular, as mulheres santamarenses estão libertando-se do padrão estético e evidenciando a verdadeira identidade capilar, a raiz crespa. “A forma de usar o cabelo “diz” e “faz” alguma coisa, tanto para a sociedade de uma forma geral, quanto para os sujeitos sociais que optam por usar o cabelo de determinados modos.” (FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia, 2016, p.26)

Estas mulheres salientam que resolveram assumir o cabelo natural por conta do desgaste químico que ocorreu na fibra capilar, o qual ocasionou na quebra e perda de muitos fios:

Pergunta: O que te motivou a deixar o cabelo natural?

Entrevistada: A necessidade de me descobrir e fugir dos padrões exigidos pela sociedade. As blogueiras também tiveram grande influência na minha decisão de assumir o cabelo crespo, entre elas: Ana Lídia, Rayza Nicácio e Dani Azevedo. (A.V., 22 anos)

Entrevistada: Não estava mais satisfeita com o cabelo quimicamente tratado, meu cabelo estava danificado, sem vida, eu não estava me sentindo realizada com ele e decidir ir em busca da liberdade capilar, me aceitando do jeito que eu sou sem me prender aos padrões. (I.L., 18 anos)

Sendo assim, as mesmas optaram por realizar a transição capilar, ou seja, consiste no período no qual nenhuma química de transformação é aplicada no cabelo, por exemplo, alisamentos a base de hidróxido de cálcio, de sódio, guanidina, formol e entre outros, e, após este período de transição é feito o corte o qual retira toda a parte de química e deixa apenas o cabelo natural. Em alguns casos, muitas mulheres optaram por efetivar, de imediato, o BC³¹, ³²isto, o grande corte de toda a parte que tem química, sem passar pela transição.

Ao serem indagadas sobre o período de transição, ao qual deixaram de dar química capilar, as entrevistadas relataram:

Pergunta: Há quanto tempo você deixou de dar química?

Entrevistada: um ano e dez meses. (S.R., 17 anos)

Entrevistada: Tem dois anos (C.M., 24 anos)

Entrevistada: Há 10 anos ou mais (T.F., 23 anos)



Figura 11: Transição capilar de Victoria Vida. Fonte: Arquivo pessoal de Victoria Vida



Figura 12: Transição capilar de Angel Vanessa. Fonte: Arquivo pessoal de Angel Vanessa.

As imagens acima retratam acerca do processo de transição capilar a qual essas mulheres santamarenses passaram. Trata-se de uma comparação entre o BC e o cabelo está atualmente. Grande mudança, não é?

Este é outro aspecto o qual a sociedade considera como excludente, uma vez que as mulheres ficam com o cabelo bem curto, praticamente raspado, e muitas pessoas comparam estas mulheres aos homens, além de retratar comentários os quais inferiorizam a beleza feminina, seguindo o padrão eurocidental em que para ser bela a mulher precisa ter cabelo longo.

A importância de analisar as experiências do corte nesse processo de transformação é o fato de que a mulher com cabelo curto tem ainda uma representação negativa em uma sociedade que valoriza corpos femininos com cabelos longos e balançando. (CRUZ, Cintia, 2013, p. 83)

Apesar de todos os empecilhos que existem com intuito de reprimir aqueles que decidiram assumir a verdadeira identidade capilar, há, nestes sujeitos, o empoderamento que não permite que opiniões supérfluas e desnecessárias sobreponham o desejo de evidenciar quem estes realmente são e querem ser.

Assim, esta liberdade capilar torna-se também um aspecto que é evidenciado na vida social dessas mulheres. O corte de cabelo e aceitação ao cabelo crespo verifica-se como forma de exclusão a todos os preceitos considerados como únicos aos quais impuseram na sociedade. Desta forma, as mulheres sentem-se livres para optar pelo o que desejarem. Não é apenas uma mudança estética, mas interiorizada de cada mulher.

Com tal maneira, isto é visto nitidamente na feição das mulheres. A liberdade traz a sensação e vivência do prazer. É uma experiência maravilhosa:

Pergunta: Além da mudança estética, o que mudou em você após assumir o cabelo natural?

Entrevistada: Mudou muita coisa. A minha visão de mundo, de encarar o preconceito e as críticas. De aprender a me defender dos comentários maldosos. Aprendi a ser uma mulher empoderada, ter liberdade de expressão, ser mais natural e de bem com a vida. Aprendi a me achar linda com o cabelo natural e ganhei forças para poder incentivar outras pessoas a se libertarem dos padrões impostos pela sociedade. (I.L., 18 anos)

Entrevistada: A minha personalidade se inovou. Adquiri uma postura mais independente e passei a agir conforme me sinto bem. (G.L., 26 anos)

Nessa perspectiva, nota-se que o cabelo crespo, além de ser um importante aspecto estético, torna-se símbolo de redescoberta e, por conseguinte, da exaltação da resistência. Friso que há uma enorme admiração por essas mulheres que se privaram de seguir o modelo padrão, mesmo com toda a coerção diária, e optaram por evidenciar a verdadeira identidade. Saliento que a liberdade mostra-se como um

mecanismo de transparência da grandeza da força dessas mulheres. E isto é magnífico.

4.5 O PONTO DE VISTA DA SOCIEDADE MEDIANTE A ACEITAÇÃO CAPILAR

Sabe-se que a desconstrução social não é uma tarefa fácil, especialmente, numa sociedade a qual segue à risca as imposições do modelo eurocidental. Visto isso, a aceitação do cabelo crespo das mulheres santamarenses foi julgada como uma atitude desnecessária e incorreta, e friso, novamente, incorreta. Então, pergunta: por quê? Para xs santamarenses as mulheres se precipitaram em passar pelo processo da transição e, por conseguinte, cortar o cabelo, assim, assumindo o crespo. De acordo com xs mesmxs, “o cabelo é um elemento precioso no corpo da mulher e ao ser cortado, a mesma perde toda essência”. Infelizmente, com tristeza, descrevo que foi essa citação a qual maioria das mulheres escutou ao assumir o cabelo crespo.

Com esses julgamentos, muitas mulheres perdem a autoestima e optam por alisar o cabelo novamente, tentando se enquadrar no padrão da sociedade para ser aceita.

Em contrapartida, ao comentar com as entrevistas sobre os preconceitos ao qual é reproduzido por conta da aceitação do cabelo crespo, unanimemente, o resultado foi igual:

Pergunta: Sabemos que durante anos vivemos numa sociedade em que o padrão estético baseia-se através do alisamento, o qual era a única forma para considerar o cabelo bonito. Ao deixar o cabelo natural, quais preconceitos você sofreu?

Entrevistada: Diziam que meu cabelo estava enchendo muito. “Alisa essa raiz, esse cabelo de mato, cabelo duro.” (A.V., 17 anos)

Entrevistada: Me chamavam de bruxa. Gritavam para que eu fosse alisar meu “Bombriil”. E perguntavam: “não penteou o cabelo hoje?” (A.R., 23 anos)

Entrevistada: No começo da transição, algumas pessoas opinavam que preferiam meu cabelo comprido, liso, de um jeito, de outro. (G.L., 26 anos)

Essa é a realidade a qual maioria das mulheres sofre ao assumir o cabelo crespo, são sempre sugeridas a retornar ao cabelo liso. Além disso, pelo fato do município ter a forte presença da religião candomblecista, que também é

considerada como algo impróprio para sociedade, muitas pessoas classificaram as mulheres que fizeram o BC como “mães de santo do Candomblé”, ³³isto é, diziam que as mesmas cortaram o cabelo porque haviam feito uma promessa para o orixá.

34

Isso posto, é bastante evidente as atrocidades as quais as mulheres suportaram, mas mesmo assim, resistiram e, até hoje, resistem por um bem maior: a liberdade pessoal. Há algo melhor que isso? Sinalizo, com toda certeza, que não há.

4.6 CLASSIFICAÇÕES CAPILARES

Devido à nova visibilidade a qual o cabelo alcançou, diversas informações estão sendo disseminadas no cotidiano, especialmente, sobre as classificações capilares. Hoje, para identificar determinado cabelo há uma referência tipológica sobre o mesmo. Assim, há a divisão em 1abc, 2abc, 3abc e 4abc.



Figura 13: Tipologia capilar. Foto: Carol Souza.

Os cabelos que fazem parte do grupo 1abc são os extremamente lisos, isto é, não há nenhuma formação de ondas ou cachos. “Completamente liso, sem nenhuma onda.” (PEREIRA, Leidiana, 2014)³⁵

Com tal característica, a blogueira Leidiana Pereira(2014) ³⁶explica sobre a tipologia do cabelo 2abc:

³³ “Ialorixá, mãe de terreiro, iyalorixá, iyá, ialaorixá ou **mãe de santo** é uma sacerdotisa e chefe de um terreiro de candomblé queto.”

³⁴ “As religiões afro-brasileiras são monoteístas, têm um Deus único, diferente do que se acredita, os Orixás são como Santos ou Anjos.”

³⁵ Disponível em: <<https://patricinhaesperta.com.br/cabelos/tipos-de-cabelos-cacheados.>> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

2A - Esse tipo de fio dá ao cabelo um movimento natural e a textura dele é bastante fina, por isso não há volume na região da raiz (porque é mais lisa) e das pontas. **2B** - O fio 2B, já começa a apresentar pequenas ondas inconfundíveis desde o começo. O fio não é mais tão fino quanto o antecessor e têm mais propensão ao frizz. O aspecto natural é de fios mais secos e bagunçados. Quando recém-arrumado, fica bem comportado, mas caso contrário, ele pode armar e criar um aspecto mais desalinhado. **2C** - O fio 2C apresenta mais volume antes mesmo de chegar na altura das orelhas, o que faz as ondulações serem bem mais visíveis e inconfundíveis. A semelhança com os cabelos cacheados já começa nesse fio, pois a intensidade das ondas é maior.

O blogueiro Ariel Borges (2016), por sua vez, exemplifica sobre o tipo de cabelo 3abc:

Cacho 3A: são os cachos mais abertos e hidratados. A definição é alcançada facilmente com um ativador de cachos e a quantidade de frizz é menor.

Cacho 3B: os cachos são bem fechadinhos e têm muita facilidade de ficar com frizz. Desse tipo de cacho em diante, a fronha de seda para dormir e o óleo finalizador são indispensáveis.

Cacho 3C: nesse tipo eles já são bem mais ressecados e têm o fio mais grosso. O diâmetro costuma ser mais ou menos do tamanho de um lápis e eles ficam armados com facilidade.

O cabelo dos tipos 4abc, por sua vez, é chamado por cabelo crespo, isto é, os cachos são bem mais fechadinhos, logo, encolhe demais e, em alguns casos, não há nem a definição dos cachos, assim, o cabelo é mais frisado. Dessa maneira, a blogueira Leidiana Pereira (2014)³⁷ explana:

4A- Os fios tendem a ser mais finos e definidos na região das laterais e mais grossos na região de cima do cabelo. Isso por causa do contato com o sol, que acaba tendo incidência bem maior nessa área. Tem aspecto mais flexível, no entanto é muito frágil por causa da proximidade dos fios. Os cachos são bastante estreitos e lembram a aparência de pequenas molas. **4B** – Esse fio tem menos definição se comparado ao tipo 4A. É bem mais seco e o aspecto do fio se assemelha a um Z por causa dos ângulos que forma ao desenhar o cacho. O fio é mais rígido, mas ainda assim é frágil, o que faz com que se tenha muito cuidado ao pentear, lavar e hidratar. **4C** – Também forma o aspecto semelhante à letra Z, no entanto, já não têm definição como os tipos 4A e 4B. Esse é o mais frágil dos fios e também o mais difícil de ser trabalhado, pois pode “esconder” cerca de 70% do tamanho real do cabelo. Geralmente, na região da nuca, apresenta fios do tipo 4B, onde se percebe um pouco de definição.

Indagando às entrevistas, foi questionado acerca da tipologia capilar de cada uma:

Pergunta: Qual o seu tipo de cabelo?

³⁶ Disponível em: <<https://patricinhaesperta.com.br/cabelos/tipos-de-cabelos-cacheados>> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

³⁷ Disponível em: <<https://patricinhaesperta.com.br/cabelos/tipos-de-cabelos-cacheados>> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

Entrevistada: 4abc (A.R., 23 anos)

Entrevistada: 3c e 4ª (S.R 17 anos)

Entrevistada: 3c (J.C 16 anos)

É perceptível que uma das entrevistadas respondeu que possui dois tipos de cabelo, 3c e 4a, e isto é bastante normal no âmbito capilar, visto que há no cabelo distinções tipológicas, muitas das vezes, devido ao excesso de química que utilizava e modificou drasticamente o cabelo, apesar de está natural. É importante salientar que só é possível identificar a tipologia capilar quando o cabelo está natural. Meu cabelo, por exemplo, é uma mistura de 3c com 4a, dado que há mechas que os cachos são mais abertos e outras mais fechadinhas, contudo, em sua totalidade, o mesmo é crespo.

Apesar de existir na sociedade o preconceito acerca de quem utiliza o cabelo cacheado e crespo, na maioria das vezes, as mulheres preferem dizer que tem o cabelo cacheado, uma vez que é visto como mais bonito que o crespo e não há a significância de cabelo “duro”, como muitas pessoas dizem.

Entretanto, há desconhecimento sobre o real significado sobre o cabelo cacheado e crespo. Vamos tentar amenizar algumas dúvidas.

O cabelo cacheado é aquele que possui a raiz lisa e no comprimento há curvaturas, ou seja, os cachos abertos. Em contrapartida, o cabelo crespo, desde a raiz ao comprimento, já apresenta a curvatura dos cachinhos, por isso, verifica-se o ressecamento no cabelo crespo, uma vez que a forma anelada da raiz às pontas do cabelo não permite que o óleo natural existente em todo o couro cabeludo passe para as mechas. Assim como cita Ariel Borges (2016):

Os cabelos crespos ou do tipo 4 têm a circunferência bem mais apertadinha e, por isso, são naturalmente secos. O fio crespo também é mais frágil, e quem tem as molinhas desse tipo precisa gastar mais tempo com hidratações e umectações³⁸ para evitar a quebra e as pontas duplas. Alcançar a definição naturalmente é mais complicado nos crespos, mas as meninas que têm esse tipo de cabelo podem usar e abusar das texturizações.

Dessa maneira, o cabelo crespo requer um cuidado mais detalhado. Assim, as empresas de cosméticos estão elaborando novos produtos a fim de atender a

³⁸ É um processo no qual algum óleo vegetal (côco, rícino e entre outros) é colocado no couro cabeludo e comprimento a fim de nutrir o cabelo.

todos os públicos, além de desenvolver mercadorias que melhorem o aspecto do fio do cabelo crespo, no sentido de torná-lo mais saudável.

4.7 A ADAPTAÇÃO DAS EMPRESAS DE COSMÉTICOS NA FABRICAÇÃO DE PRODUTOS PARA ESSE TIPO DE CABELO

Em virtude da adesão de tantas pessoas em aceitarem o cabelo crespo, por consequência, para atender a demanda por produtos específicos para cada tipo de cabelo, as empresas de cosméticos estão se atualizando e, por conseguinte, produzindo mercadorias que se adequem ao novo cenário social, isto é, buscando satisfazer as exigências dxs clientes.

É gratificante ir a qualquer estabelecimento comercial e encontrar um produto que vai solucionar os danos causados ao nosso cabelo. Antigamente, isso era praticamente impossível, quase não tínhamos opções de produtos para usar no cabelo. Por conta da ausência, era praticamente, se não, obrigatoriamente aplicar produtos que serviam apenas para o cabelo liso. E qual era o resultado? Isso mesmo! O cabelo ficava horrível, mas tínhamos que aceitar.

Ressalto que essa é uma das vitórias do nosso povo negro por ter conseguido nos incluir na sociedade, visto que se existe produtos particularmente para o cabelo crespo, é porque somos pessoas ativas na sociedade, melhor dizendo, fazemos parte da mesma. Que sucesso, não é mesmo?

Mesmo com todos esses avanços, infelizmente, no rótulo dos produtos para cabelo crespo sempre tem a referência: “diminuição de volume”, “anti-frizz”, “ativador de cachos”. Essa é uma problemática que perdura no cotidiano, uma vez que o cabelo crespo só é considerado como bonito se tiver com os cachos perfeito e com pouco volume ou menos armado, como é falado popularmente, isto é, não tão cheio e menos frisado.



Figura 14: Creme redutor de volume.

Foto: Ana Catarina



Figura 15: Creme ativador de cachos.

Foto: Ana Catarina

Mais precisamente, nos anos de 2016 e 2017, as empresas de cosméticos capilares mudaram drasticamente o modo de fabricar produtos, elaborando assim mercadorias que atendem especificamente, cada tipo de cabelo 1abc 2abc, 3abc e 4abc, sem restringir a “redução de volume” ou “cachos perfeitos”. Ao ir numa loja de cosméticos, a pessoa tem opções de escolher o produto que serve melhor para o cabelo. E uma das empresas precursoras nessa ideia foi a Salon Line.³⁹



Figura 16: creme para cabelo crespo. Site da Salon Line.

³⁹ Empresa de cosméticos.

Além disso, outro método para cuidar do cabelo é denominado por cronograma capilar, o qual consiste numa organização dos dias da semana do uso dos produtos que nutrem, hidratam e reconstróem, por exemplo, segunda-feira é o dia de hidratar; quinta-feira de nutrir e sábado de reconstruir. Esse processo é feito em dias alternados, pois dessa forma o cabelo absorve os produtos e se desenvolve. As mercadorias que são feitas hoje em dia, já informam no rótulo sobre qual etapa do cronograma capilar as quais possuem.

Na roda de conversa com as entrevistadas, foi abordada sobre essa questão dos cosméticos para o cabelo crespo.

Pergunta: Há dificuldade em encontrar produtos para seu tipo de cabelo?

Entrevistada: Há sim. Além de crespos, eles são finos e frágeis. Estragam com facilidade, quebram e ficam opacos. Ainda não encontrei um produto que fizesse maravilhas. Já experimentei várias marcas e tipos. (J.B., 44 anos)

Entrevistada: Nos dias de hoje, não, devido ao empoderamento crespo, as crespas e cacheadas são o público que mais consome no comércio. Diferente de alguns anos atrás só encontrávamos produtos para cabelo lisos ou alisados. Hoje, com facilidade encontramos produtos que cuidam do nosso cabelo crespo de verdade, ainda específico para cada tipo de cachos. (I.L., 18 anos)

Visto isso, é notório como houve diferença na realidade social das mulheres. Tanto que, na cidade de Santo Amaro-Ba, em cada ponto, há várias lojas de cosméticos. Isso é reflexo de uma sociedade que consome produtos para o cuidado do cabelo.

Uma das falas das entrevistadas, em particular, chamou-se atenção principalmente por se tratar de uma questão a qual concordo:

Pergunta: qual sugestão você daria às empresas que fabricam produtos capilares?

Entrevistada: fabricar apenas produtos de 1 quilo, pois o meu orçamento iria amar. Até porque os produtos que têm a medida de capacidade menor, por exemplo, de 300ml, acaba rápido, fazendo a gente comprar outro e gastar ainda mais. (A.R., 23 anos)

Acredito que esse seja um dos problemas da maioria das crespas, o pequeno tamanho dos produtos. Essa também é minha sugestão, produzir cremes grandes para que possam durar, pelo menos, um mês. É complicado toda semana comprar um creme de 300ml para aplicar nos cabelos. (risos). Indignações à parte é um

prazer poder usufruir desta nova dinâmica social da oferta de produtos para cabelos crespos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Final de uma etapa é sempre um momento de balanço. Mesmo com todo o trabalho e as noites que praticamente não há como dormir, porque quando se deita, é imprescindível não lembrar do TCC (risos). É com muito pesar que finalizo minha pesquisa, mas saliento que é uma experiência maravilhosa, principalmente, pelo fato de, ao pesquisar, eu aprendi ainda mais sobre uma temática que sou apaixonada que é o cabelo crespo.

Digo e repito, a pesquisa deste curso termina aqui, mas a valorização e exaltação a todos aqueles que abdicam-se de padrões em busca da liberdade pessoal, vai sempre existir.

Feito o estudo, foi possível observar o sofrimento que, individualmente, cada mulher passa, mas que com a força do coletivo as barreiras são extrapoladas. Assim como a felicidade em estar liberta de padrões faz renascer, diariamente, o desejo de se amar e aceitar o cabelo crespo.

O mais interessante desta pesquisa foi, ao entrevistar as minhas neguinhas e informar para algumas pessoas sobre o tema a qual estava estudando; pude perceber a gratidão nos olhos delas. É como se me dissessem: “Isso, Carla. Continue! Mostre a sociedade que o negro tem valor e que o cabelo crespo é sinônimo de poder.” Tudo isso, me incentivou bastante a querer ainda mais contar a história de luta e vitória dessas guerreiras santamaranses.

Assim como, ao ler cada livro, cada citação, me reencontrar em cada palavra. Essa pesquisa foi de suma importância, também, na revalorização, ainda mais, do meu próprio Eu.

Despeço-me da pesquisa com bastante felicidade e gratidão a Deus por ter conseguido finalizar, mesmo sabendo que ainda há muitas questões para abordar, pois a sociedade transmuta-se diariamente e sempre surgem novas temáticas. E, não poderia jamais esquecer, parabéns as mulheres santamaranses, melhor, as mulheres e pessoas em geral, que se aceitam como são e transparecem essa alegria no olhar. Muito obrigada!

REFERÊNCIAS

ALVES, Joice Lorena do Sacramento. **Memórias e Narrativas de resistência num Recôncavo da Bahia: As caretas de Acupe – Santo Amaro**. UNILAB: 2016.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a Espada**. UNIFOR: 1972.

BENICIO, Albertino de Carvalho. **A contribuição do negro para a formação da sociedade brasileira**. 2011.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. USP: 2006.

BLOCH, Marc. **A mulher negra escrava no brasil**. 2016 Disponível em: <<https://fhistoria.wordpress.com/2016/06/16/a-mulher-negra-escrava-no-brasil/>> Acesso em: 15 de maio de 2016.

Blog cacheia: Disponível em: <<http://cacheia.com/2015/07/produtos-para-cabelos-cacheados-e-crespos/>>. Acesso em 20 de julho de 2017.

BORGES, Ariel. **Qual a diferença entre cabelo crespo e cacheado? Saiba as características de cada um e identifique o seu tipo de fio**. 2017

BRANDÃO, Maria de Azevedo. **Ensaio: Os vários Recôncavos e seus riscos**. Revista do centro de artes, humanidades e letras: 2007.

CALASANS, Fábila. **Semeando a identidade negra do fio à raiz**. UFBA: 2001.

CAROSO, CARLOS; TAVARES, Fátima; PEREIRA, Cláudio. **Baía de Todos os Santos**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CARVALHO, Leandro. **Comércio de escravos na África**. [201-?]. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008

COSTA, Emillia Viotti da. **Da monarquia a república. momentos decisivo**. São

CRUZ, Cintia Tâmara Pinto da. **Os cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no instituto beleza natural**. Cachoeira: UFBA, 2013.

Disponível em:

<[http://4.bp.blogspot.com/iCk_SUAtBfM/UCw8aq8CqKI/YA/blt6WkPwYjk/s1600/09-O+Bom+Do+Acupe+-+Nego+Fugido.Santo+Amaro+BA+\(24\).jpg](http://4.bp.blogspot.com/iCk_SUAtBfM/UCw8aq8CqKI/YA/blt6WkPwYjk/s1600/09-O+Bom+Do+Acupe+-+Nego+Fugido.Santo+Amaro+BA+(24).jpg)> Acesso em 13 de agosto de 2017.

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/maria-bethania/santo-amaro.html>> Acesso em: 15 de outubro de 2016.

Disponível: <http://www.fiquediva.com.br/noticia/qual-a-diferenca-entre-cabelocrespo-e-cacheado-saiba-as-caracteristicas-de-cada-um-e-identifique-o-seu-tipo-de-fio_a4065/1>. Acesso em: 19 de julho de 2017.
 Editora: temas e debates.

FAFE, José Fernande. **Descobrimento e colonização portuguesa no Brasil.**

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** Edusp: 2001.

FIGUEIREDO, Angela. **Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro.** Monografia para a conclusão do curso de Ciências Sociais. UFBA: 1994.

FIGUEIREDO, Angela; CRUZ, Cintia. **Beleza negra: representações sobre o cabelo, corpo e a identidade das mulheres negras.** Cruz das Almas: EDUFRB.

FILHO, Walter Fraga. **Migrações, itinerários e esperanças de mobilidade social do recôncavo baiano após a abolição.** Cad. AEL, v.14, n.26: 2009.

FRANÇA, Simone Aparecida da. **Caracterização dos cabelos submetidos ao alisamento/relaxamento e posterior tingimento.** São Paulo: 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global 2006.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil.** Petrópolis, vozes: 1988.

GOMES, Mercio Pereira. **Os índios e o Brasil - passado, presente e futuro.** Disponível em: <<http://www.historiadobrasil.net/indiosdobrasil/>>. Acesso em: 07 de junho de 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HABERMAS, J. **Struggles for Recognition in the Democratic Constitutional state.** In: GUTMAN, A. (Ed.) Multiculturalism. Princeton: Princeton University Press, 1994.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B7flamkJqRINMGY2MjAyYmYtNTA5Yy00N2M1LTk1NmQtNzU5MzI3NDhkNDhh/view?ddrp=1&hl=pt_BR#>. Acesso em: 15 de agosto de 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico: Santo Amaro – BA.** 2010.

LOPES, SÂMIA. **Pentes para cabelo cacheado, crespo e afro.** Disponível em: <<https://samiamakeup.wordpress.com/2013/10/>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

MARY, Piore Del. **Mulheres no Brasil Colonial.** São Paulo: Contexto, 2000.

MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MINTZ, Sidney W; PRICE, Richard. **O Nascimento da Cultura Afro-americana - Uma Perspectiva Antropológica.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil.** São Paulo: 2010.

OLIVEIRA, Fernanda. **Big chop para que e para quem.** Disponível em: <<http://www.criloura.com/2013/10/big-chop-para-que-e-para-quem.html>. > Acesso em 20 de abril de 2016.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Identidade Nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2005. Paulo: Editora UNESP. 2007.

PELÓGIA, Rosa Aparecida. **A escravidão entre os próprios africanos.** UEM: 2013.

PEREIRA, Leidiana. **Tipos De Cabelos Cacheados: O Guia Completo.** Disponível em: <<https://patricinhaesperta.com.br/cabelos/tipos-de-cabelos-cacheados>.> Acesso em: 10 de setembro de 2016.

PLANETA VIDA. **História e cultura do Brasil.** Disponível em: <<http://vida.planetavida.org/paises//brasil-o-pais/historia-e-cultura-do-brasil/>>. Acesso em 30 de julho de 2017.

PORTAL DA PREFEITURA DE SANTO AMARO. Disponível em: <<http://www.santoamaro.ba.gov.br/santo-amaro/>>. Acesso em: 14/12/2015.

PRANDINI, Paola Diniz. **A cor na voz: Linguagem e identidade negra em história de vida digitalizadas contadas por meio de práticas educacionais.** São Paulo: 2013.

PREFEITURA DE SANTO AMARO-BA. **História.** Disponível em: <<http://santoamaro.ba.gov.br/historia/>>. Acesso em 6 de julho de 2016.

REIS, João José. **Recôncavo rebelde: revoltas escravas nos engenhos baianos.** AfroAsia: 1992.

RIBEIRO, Denize. **Blog da Iyalodê.** Disponível em: <<http://denizeribeiro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 de abril de 2016.

ROTAS CULTURAIS. **Construções Históricas**. UFBA: 2013. Disponível em: <<https://rotasciags.wordpress.com/category/cultura/cultura-santo-amaro/>>. Acesso em 24 de abril de 2016.

SANTOS, Fabrício Barroso dos. "**Origem do nome Brasil**". Brasil Escola: 2017. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/origem-nome-brasil.htm>>. Acesso em 21 de julho de 2016.

SILVA, Cidinha. **O orgulho do cabelo crespo é uma resistência ao racismo**. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-orgulho-do-cabelo-crespo-e-uma-resistencia-ao-racismo/>>. Acesso em: 21/04/2016.

SOBRINHO, Eduardo Elias de Oliveira. **A ocupação do território brasileiro e a economia colonial**. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/ocupacao-do-territorio-brasileiro>>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **A mulher no mundo colonial**. Mundo Educação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-mulher-no-mundo-colonial.htm>>. Acesso em: 31 mar de 2016.

SOUZA, Carol. Disponível em: <<http://carolsouza.com.br/o-guia-completo-sobre-os-tipos-de-cabelo/>>. Acesso em 10 de junho de 2017.

STEFONI, Simone Aparecida da França. **Caracterização dos cabelos submetidos ao alisamento/relaxamento e posterior tingimento**. São Paulo: USP, 2014.

THORNTON, Jhon. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico: **Uma história do negro no Brasil. A África do tráfico brasileiro**. Rio de Janeiro:Campus- Elivision, 2004.

TOALDO, Ciro J. **A ocupação do território brasileiro**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-ocupacao-do-territorio-brasileiro/88333/>>. Acesso em 14 de outubro de 2016.

ANEXO I - Roteiro de entrevista

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Qual o seu gênero?
4. Você reside em qual bairro?
5. Qual a sua cor? () morena () negra () parda () branca
6. Seu cabelo é crespo ou cacheado?
7. Qual o tipo do seu cabelo? () 1abc () 2abc () 3abc () 4abc
8. O que é cabelo crespo para você?
9. Seu cabelo é natural ou há utilização de química de transformação capilar? Qual?
10. Qual tipo de química você utilizava?
11. Há quanto tempo você deixou de utilizar?
12. O que te motivou a deixar seu cabelo natural?
13. Sabemos que durante anos vivemos numa sociedade em que o padrão estético baseia-se através do alisamento, o qual era a única forma para considerar o cabelo bonito. Ao deixar o cabelo natural, quais preconceitos você sofreu?
14. Há dificuldade em encontrar produtos para seu tipo de cabelo?
15. Qual das duas opções você gasta mais? Por quê?
16. Qual sugestão você daria às empresas que fabricam produtos capilares?
17. Além da mudança estética, o que mudou em você após assumir seu cabelo natural?
18. Qual sua opinião a respeito das pessoas que discriminam a Outra por causa do cabelo?
19. O que é boa aparência para você?
20. Você teve dificuldade ao encontrar emprego por conta do cabelo? Quais?

ANEXO 2 - Autorização das fotos

Eu Victoria Vida Mm Ribeiro de Oliveira
CPF: 071.745.235-28, autorizo Klylissa Carla Ribeiro Freitas a
anexar minha foto, da transição capilar, na pesquisa "Resgate à identidade capilar:
cabelo crespo das mulheres santamarenses-Ba."
10 de outubro de 2016

Eu Angel Vanessa dos Santos
CPF: 049.129.835.86, autorizo Klylissa Carla Ribeiro Freitas a
anexar minha foto, da transição capilar, na pesquisa "Resgate à identidade capilar:
cabelo crespo das mulheres santamarenses-Ba."
10 de outubro de 2016